FERNANDA LEMES

ARQUITETURA PAISAGÍSTICA:
POCKET PARK EM JI-PARANÁ/RO

JI-PARANÁ/RO
2020

FERNANDA LEMES

ARQUITETURA PAISAGÍSTICA:
POCKET PARK EM JI-PARANÁ/RO

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Centro Universitário São Lucas - UNISL, com intuito de obter o título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, sob orientação da Professora Especialista Ariadne Fernandes Alves Góes.

JI-PARANÁ/RO

2020

L552a

Lemes, Fernanda

Arquitetura paisagística: pocket park em Ji-Paraná/RO / Fernanda Lemes. Ji-Paraná: Centro Universitário São Lucas, 2020.
121 p. il.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Centro Universitário São Lucas, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Ji-Paraná, 2020.

Orientadora: Prof.ª Esp. Ariadne Fernandes Alves Góes
1. Pocket Park. 2. Espaços Públicos Livres. 3. Parque. I. Góes, Ariadne Fernandes Alves. II. Arquitetura paisagística: pocket park em Ji-Paraná/RO. III. Centro Universitário São Lucas.

CDU 712

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário José Fernando S Magalhães
CRB 11/1091

SÃO LUCAS
EDUCACIONAL

ATA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ATA Nº 05/2020 - DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

No 07 dia do mês de julho de 2020, no horário das 16h00min reuniram-se o(a) Orientador(a) professor(a) **Ariadne Fernandes Alves** e o(a) professor (a) **Maycon Del Piero da Silva** e arquiteto(a) convidado(a) **Thaylana Paula da Silva** para comporem Banca Examinadora de Trabalho de Conclusão de Curso, sob a presidência do(a) primeiro(a), para analisarem a apresentação do trabalho de **Pocket Park em Ji-Paraná - RO.** Após arguições e apreciação sobre o trabalho exposto foi atribuída à menção como nota do Trabalho de Conclusão de Curso do(a) acadêmico(a): **Fernanda Lemes.**

Fernanda Lemes

Fernanda Lemes

A Fernandes

Prof. Esp. Ariadne Fernandes Alves
Orientador(a)

Maycon Del Piero da Silva

Prof. Esp. Maycon Del Piero da Silva

Thaylana Paula da Silva

Thaylana Paula da Silva
Arquiteta e Urbanista

RESUMO

O desenvolvimento das cidades implica na progressiva demanda de pequenos espaços públicos livres, tornando-se relevante pensar em uma solução eficaz para essa questão. Portanto, esta pesquisa tem como objetivo geral elaborar um projeto paisagístico de um Pocket Park, para suprir a necessidade de lazer do município, promovendo um ambiente de descanso, interação e convivência com a natureza. O presente trabalho é embasado na prática do aproveitamento desses espaços, visando a estética e a qualidade ambiental das cidades. Decorrente do mau planejamento urbano, na maioria dos casos essas áreas são ignoradas, então, a utilização desses espaços tem como intuito a integração do meio ambiente nas cidades, além de promover a arquitetura paisagística urbana. Ji-Paraná é um município com grandes potenciais naturais, pois se localiza numa região extremamente arborizada. Deste modo a importância desse trabalho está relacionada ao incentivo da população estar em contato com a natureza, de forma íntima e tranquila, sem sair da área urbana.

Palavras-chave: Pocket Park. Espaços Públicos Livres. Parque.

ABSTRACT

The development of cities implies a progressive demand for small free public spaces, and it is relevant to think of an effective solution to this question. Therefore, this research has as general objective to elaborate a landscape project of a Pocket Park, to meet the need of leisure of the municipality, promoting an environment of rest, interaction and coexistence with nature. The present work is based on the practice of the use of these spaces, aiming at the aesthetics and the environmental quality of the cities. Due to bad urban planning, in most cases these areas are ignored, so the use of these spaces is intended to integrate the environment in cities, as well as to promote urban landscape architecture. Ji-Paraná is a municipality with great natural potentials, because it is located in an extremely wooded region. In this way, the importance of this work is related to the incentive of the population to be in contact with nature, in an intimate and quiet way, without leaving the urban area.

Keywords: Pocket Park. Free Public Spaces. Park.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Paley Park, primeiro Pocket Park implantado. 17
Figura 2 - Praça da Casa Forte. 19
Figura 3 - The Green Park. 31
Figura 4 - Paley Park New York. 37
Figura 5 - Paley Park. 38
Figura 6 - Planta baixa do Paley Park. 39
Figura 7 - Planta baixa e cortes do Paley Park. 39
Figura 8 - Waterfall Garden. 40
Figura 9 - Waterfall Garden Seattle. 41
Figura 10 - Planta baixa do John F. Collins Park. 41
Figura 11 - Portão de acesso ao park. 42
Figura 12 - John F. Collins Park. 43
Figura 13 - Fonte do John F. Collins Park. 43
Figura 14 - Planta baixa do Greenacre Park. 44
Figura 15 - Entrada do Greenacre Park. 45
Figura 16 - Cascata do Parque. 45
Figura 17 - Mirante do Pocket Park. 46
Figura 18 - Corte do Greenacre Park. 47
Figura 19 - Fachada do parque. 47
Figura 20 - Interior do parque. 48
Figura 21 - Pocket Park Septuagésimo Uno. 48
Figura 22 - Pracinha Oscar Freire. 49
Figura 23 - Perspectiva da pracinha Oscar Freire. 50
Figura 24 - Pocket Park "Oscar Freire". 50
Figura 25 - Praça da rua Amauri. 51
Figura 26 - Parque da rua Amauri. 52
Figura 27 - Mobiliário da praça. 52
Figura 28 - Fachada Pocket Park Moema. 53
Figura 29 - Entrada Pocket Park Moema. 53
Figura 30 - Pocket Park Moema. 54
Figura 31 - Jardim Japonês. 55
Figura 32 - Jardim Japonês em Fortaleza. 55
Figura 33 - Croqui Jardim Japonês. 56
Figura 34 - Entrada do Bosque dos Buritis. 57
Figura 35 - Cascata do bosque. 57
Figura 36 - Bosque dos Buritis. 58
Figura 37 - Quadro de Análise das Obras de Referências Internacionais. 59
Figura 38 - Quadro de Análise das Obras de Referências Nacionais. 60
Figura 39 - Quadro Resumo das Obras de Referências Internacionais. 61
Figura 40 - Quadro Resumo das Obras de Referências Nacionais. 62
Figura 41 - Quadro Programa de Necessidades Proposto. 63
Figura 42 - Setorização do Pocket Park. 64
Figura 43 - Volumetria Pocket Park. 64
Figura 44 - Fluxograma. 65

Figura 45 - Vista aérea do Estado de Rondônia (Google Earth, 2019). 66
Figura 46 - Vista aérea da cidade de Ji-Paraná (Google Earth, 2019). 66
Figura 47 - Vista aérea do bairro, com marcador de localização (Google Earth, 2019). 67
Figura 48 - Vista aérea da quadra onde o lote está localizado (Google Earth, 2019). 68
Figura 49 - Vista aérea da quadra com o lote demarcado (Google Earth, 2019). 68
Figura 50 - Quadra com lote demarcado. 69
Figura 51 - Características do lote. 70
Figura 52 - Oásis de Huacachina localizada no deserto do Peru. 71
Figura 53 - Tipos de sombreamentos do Greenacre Park. 72
Figura 54 - Cascata. 73
Figura 55 - Waterfall Garden. 73
Figura 56 - Jacarandá mimoso. 75
Figura 57 - Samambaia. 76
Figura 58 - Areca Bambu. 76
Figura 59 - Palmeira Rabo de Raposa. 77
Figura 60 - Podocarpo. 78
Figura 61 - Hera Unha de Gato. 78
Figura 62 - Begônia Cerosa. 79
Figura 63 - Prancha Conceito. 80
Figura 64 - Prancha de Implantação, Situação e Paisagismo. 80
Figura 65 - Planta Baixa e Layout. 81
Figura 66 - Prancha de Cortes e Fachadas. 81
Figura 67 - Prancha de Perspectivas. 82
Figura 68 - Fachada Frontal. 82
Figura 69 - Vista da Cafeteria. 83
Figura 70 - Vista da Cafeteria. 83
Figura 71 - Vista da Cafeteria. 84
Figura 72 - Vista da Praça de Alimentação. 84
Figura 73 - Vista da Praça Central. 85
Figura 74 - Vista da Praça Principal. 85
Figura 75 - Vista da Praça Principal. 86

LISTA DE SIGLAS

Norma Brasileira Regulamentadora – (NBR-9050).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12
1. REFERENCIAL TEÓRICO 14
1.1. Histórico e Evolução 14
1.1.1. Internacional 14
1.1.2. Nacional 18
1.2. Legislação 21
1.2.1. Municipal 21
1.2.2. Estadual 22
1.2.3. Federal 24
1.2.4 Normas Técnicas 27
1.3. Aspectos Teóricos 29
1.3.1. Opiniões de Autores Internacionais 29
1.3.2. Opiniões de Autores Nacionais 31
2. TIPOLOGIA 33
2.1. Família: Arquitetura Paisagística 33
2.2. Tipo 33
2.3. Tipo Escolhido 34
3. METODOLOGIA 35
3.1. Pesquisa 35
3.2. Método 35
3.3. Procedimento 36
4. REFERENCIAL ARQUITETÔNICO 37
4.1. Obras Internacionais 37
4.1.1. Paley Park, Nova York 37
4.1.2. Waterfall Garden 40
4.1.3. John F. Collins Park 41
4.1.4. Greenacre Park, Nova York 44
4.1.5. Septuagésimo Uno, Nova York 47
4.2. Obras Nacionais 49
4.2.1. Pracinha Oscar Freire 49
4.2.2. Praça da Rua Amauri 51
4.2.3. Pocket Park Moema 53
4.2.4. Jardim Japonês (Fortaleza/CE) 54

4.2.5. Parque do Bosque dos Buritis (Goiânia/GO) 56
4.3. Análise de Referências 58
5. PROGRAMA DE NECESSIDADES 61
5.1. Quadro Resumo Obras Internacionais e Nacionais 61
5.2. Programa de Necessidades Proposto 62
5.3. Estudo de Massas 63
5.3.1. Setorização 63
5.3.2. Volumetria 64
5.4. Fluxograma 65
6. ESTUDO DE CASO DE SÍTIO 65
6.1. Imagens 65
6.1.1. Cidade 66
6.1.2. Bairro 67
6.1.3. Quadra 67
6.1.4. Lote 68
6.2. Localização e Acessos 69
6.3. Lote 69
6.3.1. Características 69
6.3.2. Índices Urbanísticos 70
7. CONCEITO E PARTIDO ARQUITETÔNICO 70
7.1. Conceito 71
7.2. Partido Arquitetônico 71
7.2.1. Sustentabilidade 72
7.2.2. Conforto térmico 72
7.2.3. Circulação e convivência 73
7.2.4. Materiais 74
7.2.5. Paisagismo 74
8. PROJETO 79
CONCLUSÃO 87
REFERÊNCIAS 88
APÊNDICE 96

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso possui como tema a Arquitetura Paisagística, onde tem como objetivo principal a criação de um Pocket Park em Ji-Paraná/RO para suprir a necessidade de lazer do município, promovendo um ambiente de descanso, interação e convivência com a natureza.

A escolha do tema se deu devido ao fato do mau aproveitamento dos pequenos espaços urbanos, principalmente no Brasil onde é limitada a quantidade de material sobre o assunto em questão. O uso do pocket park no urbanismo das cidades não se limita somente ao paisagismo, mas também a estética da cidade onde é uma apropriação do espaço distinta das praças, parques ou bosques.

Portanto observou-se a necessidade de criar um espaço tranquilo e relaxante para ler um livro ou encontrar com os amigos após um dia corrido de trabalho em meio à confusão do cotidiano de uma cidade. Uma solução para essa questão é a construção do Pocket Park com um projeto arquitetônico e paisagístico em meio a cidade, sendo um local agradável para um passeio no final da tarde, à noite ou nos finais de semana, com ambiente para socialização, com área para alimentação, onde a população pode ter um espaço aconchegante para relaxamento, tranquilidade e descontração, bem localizado e acessível a todos.

Neste trabalho foi utilizado a pesquisa qualitativa, devido ao fato deste tipo de pesquisa permitir uma visão mais ampla do objeto a ser analisado proporcionando assim uma melhor compreensão do contexto. O método dedutivo foi escolhido por ser capaz de proporcionar a obtenção de conclusões objetivas, e, como método de procedimento optou-se pelo Estudo de Caso por auxiliar na compreensão mais profunda do objeto a ser estudado.

No decorrer desta monografia será feito o levantamento do processo histórico da evolução dos jardins, praças e projetos paisagísticos tanto internacionais quanto nacionais. Portanto, realizou-se pesquisas profundas em livros, revistas e em sites online com o objetivo de coletar informações adequadas para a elaboração do projeto.

Foram abordadas algumas referências arquitetônicas internacionais e nacionais que contribuirão para a construção de ideias, servindo de inspiração para a elaboração do Pocket Park. Além de ser elaborado o programa de necessidades

através da análise das referências arquitetônicas, demonstrados através de um quadro resumo.

No estudo de Caso de Sítio foi apresentado o local da implantação do projeto, verificando-se diversos fatores que determinaram a escolha do terreno, sendo possível analisar o local do lote, as construções existentes nas proximidades, as vias de acesso e outras informações de extrema importância.

Por fim foram abordados o conceito e o partido arquitetônico e suas características gerais, as técnicas construtivas, bem como os materiais que serão empregados no projeto, dando ênfase à questão da sustentabilidade, os parâmetros de acessibilidade e o conforto ambiental.

A proposta deste trabalho tem como objetivo proporcionar um novo ambiente, ocasionando uma melhoria no espaço público urbano. Propondo à população do município de Ji-Paraná um local contemporâneo, esteticamente aconchegante e também sustentável, para a interação social. Levando em conta o paisagismo e a presença do microclima, além da possibilidade de descanso e lazer, buscando dessa forma o interesse da população.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico tem como objetivo apresentar o processo histórico do paisagismo em sua origem e evolução, contemplando desde a antiguidade até os dias atuais. Serão abordados os estágios do paisagismo e sua importância para o mundo, como ele se tornou um elemento fundamental na arquitetura e sua crescente valorização.

1.1. Histórico e Evolução

Neste tópico será apresentado um pouco da história e da evolução dos jardins, praças e parques internacionais e nacionais.

1.1.1. Internacional

Conforme os fatos sobre as civilizações, o homem está vinculado à natureza desde a pré-história, sendo de extrema importância para sua sobrevivência (LIMA, 2009). Os primeiros vestígios do paisagismo ocorreram quando o homem percebeu que precisaria transformar o ambiente em que vivia, habituando a natureza em volta, tornando sua sobrevivência mais prazerosa, favorável e funcional (Revista Tempo Verde, 2002).

O homem aprendeu a reger a natureza na Era Neolítica, tornou possível a criação de plantas e animais, passou de habitante das cavernas para construir e viver em aldeias. Nesse período não havia utilidade preservar a natureza, pois ela permaneceria intacta (SCALISE, 2010).

O espaço público é considerado o palco da cidadania, da movimentação urbana de uma cidade. O enfrentamento negativo do uso frenético do espaço público é uma das chaves para o conjunto de fatos e ações, que podem culminar em mudanças significativas na utilização do espaço e na dinâmica urbana, com repercussão que vão além do entorno imediato, com efeitos benéficos para toda a cidade. Um dos desafios do urbanismo contemporâneo é manter a atuação benéfica que os atores sociais podem exercer na qualificação e produção do espaço urbano (MUSSI; LIMA, BIESSEK, 2016).

Conforme Hannes (2016, p. 123) apud Mussi, Lima e Biessek (2016), espaço público é "todo espaço onde se dão as relações da sociedade, o convívio público; todo espaço onde as pessoas se encontram, onde acontecem as manifestações coletivas humanas". Sendo assim, os espaços públicos representam o encontro, a interação, o convívio entre as pessoas, as trocas, a humanização da cidade, a sustentabilidade social.

No decorrer de toda a história pode-se ver que existem transformações e adequações, que certamente estão caracterizadas com uns estilos próprio de cada época e a cultura da região a que se encontra (NETTO, 2016).

Espaços livres urbanos podem ser públicos ou privados. De acordo com Queiroga (2011) apud Maluf e Gonçalves (2015), os espaços livres privados são aqueles introduzidos nas áreas particulares, como fundo de lotes, estacionamentos, jardins frontais, quintais, terrenos baldios que possuírem proprietários, entre outros. E dentre os espaços livres públicos estão às praças, os parques, os bosques, calçadões, sendo prevalecentes, as ruas e o passeio público.

Os objetivos centrais desses espaços livres são propor melhoria para a malha urbana, repensando na funcionalidade e conforto ambiental dessa área, estimulando novos usos de apropriação de pedestres e também conceituar o desenho urbano das cidades (PRADO e SANT'ANNA, 2015).

De acordo com Netto (2016) "Jardim é um terreno onde se cultivam plantas ornamentais, úteis ou para o estudo, é também uma obra de arte, com elementos vivos e inertes, no qual o homem procura, nos momentos de lazer, um contato com a natureza". Pode- se observar que durante toda a história que existem transformações e adequações, da qual certamente estão caracterizadas com os estilos de cada época e à cultura da região em que se encontra.

A história sobre os jardins aconteceu entre o rio Tigre e Eufrates, onde os assírios dominavam a técnica de irrigação e drenagem para as suas hortas e pomares por canais com a água do rio que se cruzavam, assim irrigando suas plantas ali cultivadas. Infelizmente teve fim com a invasão árabe, assim fizeram uma forma de distribuição e repartimento das hortas com uma espécie de muro vegetal (BARCELLOS, 2018).

Conforme Netto (2016) "Os textos mais antigos sobre jardins datam do terceiro milênio a.C., escritos pelos babilônicos, descrevendo os "jardins sagrados",

onde os bosques sagrados eram plantados sobre os zigurates" um tipo de estrutura de pedra maciça construído na antiga Mesopotâmia.

E é na Mesopotâmia onde se encontra o paisagismo da época, uma das obras mais marcantes, se tratando de jardins e considerada uma das maravilhas do mundo: os Jardins Suspensos da Babilônia, onde se encontrava os elementos arquitetônicos juntos com os elementos naturais, o paisagismo (CONRADO PAISAGISMO, 2014).

O atual paisagismo de acordo com Franco (2008), possui dois princípios como ponto de partida. O primeiro fundamentou-se na prática de profissionais que relevaram sustentações efetivas e práticas aos designers de paisagem da pós modernidade. O segundo princípio, revelou-se com base na análise acadêmica da história do paisagismo, que apenas obteve destaque em meados de 1970 nos EUA. Nessa época, a descrição das paisagens do exterior e também pequenos artigos expostos em revistas de arquitetura, se transfiguraram em pesquisa histórica da caracterização dos jardins.

Frequentemente surgem novas ideias de apropriação desses espaços, um dos mais recentes são os pockets parks, traduzido do inglês "parques de bolso", que são resumidamente "miniparques". Estes exercem função de parque, porém de forma mais intimista, contemporânea e funcional, de modo que atraia e seja acessível para toda a população. Os pocket parks são o mais recente grupo que compõe o "sistema de espaços livres públicos". É um estilo totalmente novo, comparado às praças e parques, por isso não existem estudos complexos a respeito dessa temática (WEISHOF, 2015).

Os pocket parks foram criados em Nova Iorque, em 1960, por intervenção da corporação "Park Association of New York", destacando o Paley Park, que foi desenhado pelo arquiteto Robert Zion e implantado em 1967, próximo a 5º Avenida, onde anteriormente se localizava uma discoteca, passou a ter lugar o Paley Park, um memorial para o pai falecido do então presidente da CBS, Wiliian Paley (WEISHOF, 2015).

Paley, definido como um "pocket park" por Thomas Hoving, que criou esse conceito tem apenas 390 m² e fica localizado em plena Manhattan, sendo cercado por arranha-céus e um refúgio de imagens e de sons da vida urbana (FIGURA 1). Foi inaugurado em 23 de maio de 1967, passando por uma reforma em 1999, tornando-o

também acessível às pessoas com necessidades especiais (ÁREAS VERDES DAS CIDADES, 2015).

Figura 1 – Paley Park, primeiro Pocket Park implantado.

Fonte: Flickr, 2011.

O Paley Park concebeu outros pocket parks, como o Greenacre Park que foi projetado pelo arquiteto estadunidense Hideo Sasaki e implantado em 1971, em um pequeno lote de 18x36 metros quadrados (LOURENÇO, 2012).

O Greenacre Park é um belo refúgio do ruído e da ansiedade que envolve a cidade de Nova Iorque. Projetado por Sasaki, Dawson, DeMay Associates com Masao Kinoshita como designer principal e Hideo Sasaki e Tom Wirth envolvidos, o Greenacre Park abriu em 1971 como um "parque de bolso de colete" financiado e mantido privadamente pela Fundação Greenacre da Abby Rockefeller Mauze (THE CULTURAL LANDSCAPE FOUNDATION, 2012).

Assim como o Paley Park, este também conta com uma cachoeira que abafa o som da cidade e propõe uma melhoria no conforto sonoro do ambiente. O ambiente possui um café e as múltiplas escolhas transformam um espaço de descansar em uma praça altamente dinâmica pela multiplicidade de potenciais (BOECHAT, 2015).

1.1.2. Nacional

No Brasil a introdução do paisagismo e dos jardins foi tardia comparada com o restante do mundo, existiam inúmeras mesclas de plantas nativas e plantas que vinham eventualmente nos navios que transportavam madeira, e também pela invasão dos povos franceses e holandeses que se fixaram no Brasil (BRAGA, 2012).

De acordo com Braga (2012), o precedente manifesto de paisagismo aconteceu na primeira metade do século XVII em Pernambuco, no qual Mauricio de Nassau, que era príncipe da Holanda, veio ao Brasil para dominar as terras que tinha tomado para formar sua colônia holandesa. Iniciando um processo de modificação das terras abandonadas e alagadas em parques, com diversos tipos de vegetação conduzidas da Europa.

Segundo Barcellos (2018) "A história documentada do paisagismo iniciou-se com a chegada de Dom João VI em 1807, que destinou ao Jardim Botânico a vocação de fomentar espécies vegetais para a produção de carvão, matéria-prima para a fabricação de pólvora". No decorrer dos anos foram introduzidas no Brasil espécies de árvores frutíferas, imigrantes portugueses trouxeram espécies exóticas e nativas, entre elas as palmeiras.

D. Pedro I contratou em 1858 o engenheiro agrônomo Glaziov que usou árvores floríferas pela primeira vez no paisagismo. Assim começara o uso de: sibipiruna, pau-ferro, cássias, paineira, jacarandá, suinã, cedro, embaúva, oiti, mirindiba, quaresmeira e ipês (BARCELLOS, 2018).

O parque urbano determinado à população mais antiga do Brasil foi o Passeio Público no Rio de Janeiro. O vice-rei Luís de Vasconcelos de Sousa ordenou que criassem esse ambiente, que foi projetado por Valentim da Fonseca e Silva que se inspirou no traçado dos jardins clássicos franceses. Foi implantado em 1783, porém como havia uma regulamentação muito rígida para utilizar o local, acabou sendo rejeitado pela população (SILVA, 2009).

O paisagismo brasileiro ganhou visibilidade mundial na década de 1930, pelas obras do gênio Roberto Burle Marx, considerado o maior paisagista já existente. Nasceu em 1909 na cidade de São Paulo, porém passou sua infância no Rio de Janeiro. Nos seus 19 anos, foi para a Alemanha para se aprimorar na arte de desenhar, visitou o Jardim Botânico de Dahlen onde acabou descobrindo a riqueza e importância das plantas tropicais. Ao retornar ao Brasil, passou a cultivar e colecionar

as plantas em seu próprio quintal, em sua casa. Tornou-se apoiante da escola Bauhaus, integrando todas as artes com seu estilo humanista e ecológico ambiental (KARAN, 2002).

A Praça da Casa Forte foi uma de suas maiores obras como paisagista, foi implantada em Recife (1934), quando ele trabalhava como Diretor de Parques e Jardins do Governo do Estado de Pernambuco (FIGURA 2). Possuía muitos jardins, além de espelho d'agua com plantas aquáticas, pistas de passeio, mas a vegetação era sempre predominante (VAINSENCHER, 2016).

Figura 2 - Praça da Casa Forte.

Fonte: Por aqui, 2018.

Burle Marx, passou a demonstrar em seus projetos uma paisagem com linguagem moderna e com a concepção de que o jardim era uma obra de arte. É notável a evolução do paisagismo no Brasil, com novos princípios ecológicos e uso de vegetação em locais públicos de todo tipo de caráter (BRAGA, 2012).

A troca da vida rural pela vida urbana vem se repetindo com muita frequência, todos os dias milhares de pessoas que vivem na zona rural se mudam para as cidades em busca de uma vida melhor e com mais praticidade, buscam também conforto, acessibilidade e fácil acesso para que seus filhos possam estudar em uma boa escola. Com isso acaba ocasionando vários problemas, alguns deles são o crescimento descontrolado das cidades com casas, prédios, ruas pavimentadas e

suas calçadas, ou seja, concreto para todos os lados, mantendo cada vez mais afastado as vegetações, árvores e as áreas verdes em geral (GIMENES, 2010).

Conforme esse crescimento descontrolado a qualidade de vida das pessoas que vive em meio esse emaranhado de concreto vai diminuindo, com rotinas diárias estressantes e necessitando cada vez mais de uma forma, uma condição que possa aliviar isso tudo, uma verdadeira válvula de escape para descansar tanto o corpo quanto a mente (GIMENES, 2010).

Mayone (2009) concluiu que os parques urbanos, independentemente de suas tipologias, possuem várias características e importantes funções para a melhoria do cotidiano da população, são locais abertos que propiciam atividades para o lazer e abranda os impactos ambientais, melhorando a qualidade de vida dos cidadãos e a qualidade ambiental das cidades.

Os pocket park é um assunto recente e muito limitado no Brasil, os poucos existentes estão localizados na cidade de São Paulo. Por ser uma proposta muito nova no mercado ainda não foi disseminada pelo resto do país, assim acaba causando receio no poder público em seu investimento. De acordo com Maluf (2014), apenas São Paulo tem potencialidade para estruturas como essas, e que o novo Plano Diretor da Cidade promove a implantação desses ambientes (INSTITUTO MOBILIDADE VERDE, 2014).

A característica principal de um pocket park é o local onde será implantado, e sua problemática vem da falta de apropriação de áreas desabrigadas e deixadas de lado pelo poder público e pela população. De preferência em bairros com ruas que tenham amplo movimento de pedestres, alcançando um público-alvo fixo (WEISHOF, 2015 apud BLAKE, 2014).

A Praça Amauri, a pioneira na categoria pocket park no Brasil foi criada por Isay Weinfeld em 2002. É um espaço a céu aberto de 210 m², delimitado por dois edifícios e duas ruas, e localizado numa área de uso misto – residencial e comercial – de São Paulo. A entrada dá-se pela Rua Amauri, uma via ocupada quase exclusivamente por restaurantes (WEINFELD, 2002).

Situada ao nível da rua, quase como uma extensão da calçada, a praça é bastante convidativa ao pedestre e tem, ao fundo, uma pequena construção a conter um café, toaletes e um pequeno depósito. A praça foi pensada como um lugar para o descanso, onde se pode sentar ao ar livre para um café, um lanche ou um tempo longe do caos. É ainda um local para se encontrar amigos, bater um papo ou até jogar

xadrez – aproveitando que os tampos das mesas espalhadas pela praça estampam tabuleiros de jogos, e que as peças são fornecidas pelo próprio café (WEINFELD, 2002).

Fios de água escorrem sobre as paredes laterais da praça, pavimentada com peças de granito em lasca. Ipês amarelos completam a paisagem. Aberta diariamente a partir das 8:00 h, a Praça da Amauri permanece movimentada até a meia-noite, quando portões são erguidos, mantendo o espaço fechado até a manhã seguinte (WEINFELD, 2002).

> Segundo Weinfeld (2002) quando um jovem empreendedor paulistano nos procurou para o projeto de um novo restaurante, nós avaliamos o local e propusemos a ele algo diferente: que ao invés de construir um restaurante, ele transformasse o terreno numa pequena praça, um 'pocket park', e o oferecesse à cidade. Ele concordou, e assim surgiu a Praça da Amauri.

1.2. Legislação

Para a elaboração de qualquer tipo de projeto existe uma padronização escrita em lei, tais projetos precisam estar dentro das normativas Municipais, Estaduais e Federais, além da acessibilidade e segurança junto com o conforto são primordiais.

1.2.1. Municipal

Código de obras (JI-PARANÁ, 2003)

- "Art. 224. Os compartimentos não-habitáveis obedecerão às seguintes condições, quanto a dimensões mínimas:
  - Cozinhas e copas: Área m² =4,00. Altura m =2,40. Dimensão mínima m= 1,60. Largura dos vãos de acesso m= 0,80.
  - Banheiros: Área m² =3,00. Altura m =2,40. Dimensão mínima m= 1,30. Largura dos vãos de acesso m= 0,60.
  - Lavatórios e inst. sanitárias: Área m² =1,20. Altura m =2,40. Dimensão mínima m= 0,80. Largura dos vãos de acesso m= 0,60.

- ❖ Área de serviço coberta: Área m² =2,00. Altura m =2,40. Dimensão mínima m= 0,80. Largura dos vãos de acesso m= 0,70".

Plano diretor (JI-PARANÁ, 2011)

- ➢ "Art. 24. São objetivos da política de Áreas Públicas:
  - ❖ III - prever a integração dos espaços públicos com o entorno, promovendo, os tratamentos urbanísticos e de infraestrutura adequada.
  - ❖ IV - Otimizar o uso das áreas públicas para cumprimento das funções sociais;
  - ❖ V - Criar espaços destinados a atividades de associações, e cultura popular".
- ➢ "Art. 59. O Sistema de Áreas Verdes do Município é constituído pelo conjunto de espaços significativos ajardinados e arborizados, de propriedade pública ou privada".

Código ambiental (JI-PARANÁ, 2001)

- ➢ "Art. 1º - Este Código, regula a preservação, conservação, defesa, melhoria, recuperação e controle do meio ambiente ecologicamente equilibrado".

Código de postura (JI-PARANÁ, 2003)

- ➢ "Art. 1º. sobre a utilização do espaço do Município, a higiene pública, o bem-estar público".
  - ❖ ABNT NBR 9050 – acessibilidade
  - ❖ "10.13 Parques, praças e locais turísticos
  - ❖ 10.13.1 Parques, praças e locais turísticos que possuam pavimentação, devem ser dotados de rotas acessíveis" (BRASIL, 2015, p 135).

1.2.2. Estadual

- ➢ SEDAM/RO (Sistema Estadual de Desenvolvimento Ambiental de Rondônia) Lei nº 547 (RONDÔNIA, 1993).

- ❖ O sistema determina e controla a qualidade do Meio Ambiente, e define a política do desenvolvimento ambiental do Estado de Rondônia. As medidas tomadas pelos órgãos do meio ambiente são empregadas conforme os limites determinados pela legislação federal ou as Resoluções do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA). É obrigatória a ordenação e aproveitamento do solo, da água e do ar, preservando e melhorando a qualidade ambiental, sendo assim proibida a projeção ou derramamento de poluentes nesses locais (RONDÔNIA, 1993).

➢ Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Rondônia Lei 3924 (RONDÔNIA, 2016).

- ❖ Art. 1º. No projeto deve conter a aprovação, sobre segurança contra pânico e incêndio do estado.
- ❖ Art. 4º. Os documentos do CBM/RO são obrigatórios para regularização de alvarás, licenciamentos, habite-se, tendo em vista a proteção contra incêndio e pânico.
- ❖ Art. 5º. As definições regulamentadas nesta Lei seguirão as medidas de segurança contra incêndio e pânico.
- ❖ Art. 6º. Consta a prevenção contra incêndio e pânico exigidas no regulamento e nas IT's para edificações e áreas de risco.

➢ Lei n° 3686 (RONDÔNIA, 2015).

- ❖ A legislação Estadual que dispõe sobre o sistema de licenciamento Ambiental do Estado de Rondônia, encontra respaldada pela lei 3686. No Art. 4°, estabelece os sistemas de licenciamento do estado sendo eles: Licença Ambiental, Autorização ambiental, Certidão Ambiental, Uso de Recursos Hídricos, e documentos de Averbação.
- ❖ Projeto arquitetônico junto com o projeto de incêndio tem por dever estar ligados para fornecer segurança as pessoas que ali se encontram.
- ❖ Art. 1º. A lei está disponível no sistema para o conhecimento em relação ao licenciamento ambiental.
- ❖ Art. 19. Deverá ser estudado o licenciamento por profissionais da área e assim ser realizado os trabalhos.

- ❖ Art. 22. Terá o prazo de 3 meses para o empreendedor atender as solicitações feitas pelo órgão ambiental. Contando a partir da notificação feita.
- ❖ Art. 25. Fazendo a renovação das licenças ambientais devem ser solicitadas antes do prazo de validade sendo o mesmo 120 dias de antecedência. Prorrogando assim até a próxima notificação pelo órgão ambiental.

1.2.3. Federal

- ➢ A Lei Federal n° 9605 (BRASIL, 1998), conhecida como Lei da Vida, traz:

- ➢ Art. 49. Destruir, danificar, lesar ou maltratar, por qualquer modo ou meio, plantas de ornamentação de logradouros públicos ou em propriedade privada alheia:
  - ❖ Pena - detenção, de três meses a um ano, ou multa, ou ambas as penas cumulativamente. Parágrafo único. No crime culposo, a pena é de um a seis meses, ou multa.

- ➢ O Código Florestal Brasileiro - Lei Federal nº 4771 (BRASIL, 1965), apresenta no seu artigo 7°:
  - ❖ "Qualquer árvore poderá ser declarada imune de corte, mediante ato do Poder Público, por motivo de sua localização, raridade, beleza ou condição de porta sementes".

- ➢ Lei 11.445 (BRASIL, 2007) - Estabelece a Política Nacional de Saneamento Básico - Aborda todos os setores do saneamento (drenagem urbana, abastecimento de água, esgotamento sanitário e resíduos sólidos).

- ➢ Lei 6.766 (BRASIL, 1979) - Lei do Parcelamento do Solo Urbano – Estabelece regras para loteamentos urbanos, proibidos em áreas de preservação ecológicas, onde a poluição apresenta perigo à saúde e em terras alagadiças.

- ➢ Lei 9.985 (BRASIL, 2000) - Institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – Entre seus objetivos estão a conservação de múltiplas espécies biológicas e dos recursos genéticos, a preservação e restauração da

diversidade de ecossistemas e promove o desenvolvimento sustentável a partir dos recursos naturais.

- Código civil brasileiro (BRASIL, 2008).

  - Art. 99. São bens públicos:

    I – Os de uso comum do povo, tais como rios, mares, estradas, ruas e praças.
  - Art. 102. Os bens públicos não estão sujeitos a usucapião.
  - Art. 103. O uso comum dos bens públicos pode ser gratuito ou retribuído, conforme for estabelecido legalmente pela entidade a cuja administração pertencerem.
  - Art. 1.299. O proprietário pode levantar em seu terreno as construções que lhe aprouver, salvo o direito dos vizinhos e os regulamentos administrativos.
  - Art. 1.300. O proprietário construirá de maneira que o seu prédio não despeje águas, diretamente, sobre o prédio vizinho.
  - Art. 1.301. É defeso abrir janelas, ou fazer eirado, terraço ou varanda, a menos de metro e meio do terreno vizinho.

    2° As disposições deste artigo não abrangem as aberturas para luz ou ventilação, não maiores de dez centímetros de largura sobre vinte de comprimento e construídas a mais de dois metros de altura de cada piso.

- Lei nº 13.146 (BRASIL, 2015) – A lei Brasileira fala sobre Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

  - Art. 3º Para fins de aplicação desta Lei, consideram-se:

    I - Acessibilidade: possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida.

VII - elemento de urbanização: quaisquer componentes de obras de urbanização, tais como os referentes a pavimentação, saneamento, encanamento para esgotos, distribuição de energia elétrica e de gás, iluminação pública, serviços de comunicação, abastecimento e distribuição de água, paisagismo e os que materializam as indicações do planejamento urbanístico.

- Art. 42. A pessoa com deficiência tem direito à cultura, ao esporte, ao turismo e ao lazer em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, sendo-lhe garantido o acesso:

  § 2º O poder público deve adotar soluções destinadas à eliminação, à redução ou à superação de barreiras para a promoção do acesso a todo patrimônio cultural, observadas as normas de acessibilidade, ambientais e de proteção do patrimônio histórico e artístico nacional.

- Art. 44. Nos teatros, cinemas, auditórios, estádios, ginásios de esporte, locais de espetáculos e de conferências e similares, serão reservados espaços livres e assentos para a pessoa com deficiência, de acordo com a capacidade de lotação da edificação, observado o disposto em regulamento.

  § 4º Nos locais referidos no caput deste artigo, deve haver, obrigatoriamente, rotas de fuga e saídas de emergência acessíveis, conforme padrões das normas de acessibilidade, a fim de permitir a saída segura da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, em caso de emergência.

  § 5º Todos os espaços das edificações previstas no caput deste artigo devem atender às normas de acessibilidade em vigor.

- Art. 54. São sujeitas ao cumprimento das disposições desta Lei e de outras normas relativas à acessibilidade, sempre que houver interação com a matéria nela regulada:

  I - A aprovação de projeto arquitetônico e urbanístico ou de comunicação e informação, a fabricação de veículos de transporte coletivo, a prestação do respectivo serviço e a execução de qualquer tipo de obra, quando tenham destinação pública ou coletiva.

1.2.4 Normas Técnicas

- NBR 9050 (ABNT, 2015) – Acessibilidade a Edificações, Mobiliário, Espaços e Equipamento Urbanos.

  - Segundo a NBR 9050: (2015), 6.3 Circulação – Piso
  - A circulação pode ser horizontal e vertical. Por escadas, rampas ou Equipamentos eletromecânicos.
  - 6.9.4.2 "Em escadas e degraus é permitida a instalação de apenas um corrimão duplo e com duas alturas, a 0,92 m e a 0,70 m do piso, respeitando a largura mínima de 1,20 m, em ambos os lados".
  - Não pode haver desnível entre o término do rebaixamento da calçada e o leito carroçável. Em vias com inclinação transversal do leito carroçável superior a 5 %, deve ser implantada uma faixa de acomodação de 0,45 m a 0,60 m de largura ao longo da aresta de encontro dos dois planos inclinados em toda a largura do rebaixamento.

- NBR 7678 (ABNT, 1983) – Segurança na execução de obras e serviços de construção.

  - Estipula condições exigíveis de segurança e higiene em obras e os procedimentos e medidas, individual e/ou coletivo, para execução de tarefas específicas na prevenção de acidentes do trabalho.

- NBR 5626 (ABNT, 1998) – Instalação predial de água fria.

  - Estabelece exigências e recomendações relacionadas ao projeto, execução e manutenção das instalações. Aponta o resguardo à segurança sanitária e o desempenho da instalação.

- NBR 13532 (ABNT, 1995) – Elaboração de projetos de edificações – Arquitetura.

- ❖ Fixa as condições exigíveis para a elaboração de projetos arquitetônicos em relação a construção de edificações. É aplicável a todas as categorias de construção.
- ❖ Vegetação (para ambientes exteriores e interiores): arbórea (ornamentais, frutíferas e palmeiras), arbustiva (arbustos, trepadeiras e folhagens arbustivas) e herbácea (formações, gramados, canteiros e hortas); terra de plantio; tutores e protetores.
- ❖ Art. 3º. Para fins de aplicação desta Lei, consideram-se:

  VII – Elemento de urbanização: quaisquer componentes de obras de urbanização, tais como os referentes a pavimentação, saneamento, encanamento para esgotos, distribuição de energia elétrica e de gás, iluminação pública, serviços de comunicação, abastecimento e distribuição de água, paisagismo e os que materializam as indicações do planejamento urbanístico.
- ❖ Instalações hidráulicas e sanitárias (aspectos arquitetônicos relacionados com a especificação dos controles e dos pontos de consumo e de águas servidas):

  I – Água fria: cavalete e seu abrigo, reservatórios inferiores e superiores, pontos para registros, torneiras, filtros de pressão, válvulas flexíveis e caixas de descarga;

  II – Captação e escoamento de águas pluviais: calhas, extravasores, canaletas, condutores, caixas de areia, grades e dissipadores de energia;

  III – Gás combustível: reservatórios, abrigos, canalizações, proteções, pontos de utilização;

  IV – Prevenção e combate a incêndio: extintores e hidrantes e seus abrigos.

➢ NBR 6492 (ABNT, 1994) – Representação de projetos de arquitetura.

- ❖ Para uma boa compreensão projetual, esta norma propõe condições exigíveis para a representação gráfica dos projetos arquitetônicos.

1.3. Aspectos Teóricos

1.3.1. Opiniões de Autores Internacionais

No Japão, a renovação do distrito de Shinjuku, em Tóquio, desde os anos 70, determinou o surgimento de diversos pocket parks artificiais. Oferecidos como espaços livres na base de arranha-céus, surgem sob orientação administrativa de empreendedores, ao invés de troca de benefícios por meio de instrumentos de legislação urbana (SATO, 2007, p. 264).

Segundo a revista The Cultural Landscape Foundation (2012). Pequenos parques, frequentemente menos de três hectares, inseridos em espaços intersticiais para proporcionar uma experiência de espaço aberto de descanso da cidade. Os elementos de design incluem superfícies duras, móveis, recursos de água para inibir o ruído da cidade e exibições em vasos de plantações anuais. Alguns são de propriedade privada e são conduzidos por fundações que os abrem para o público por horas designadas.

Richter (1981) afirma que "o total dos espaços livres de uma cidade, de certa forma, é a somatória dos diversos elementos verdes e diferentes espaços livres isolados em assentamentos urbano-industriais e devem ser designados por Verde Urbano. Incluindo o sistema de espaços livres, tanto os públicos, como os particulares".

A revista Process Architecture (1988) apresenta o fato do pocket park como a adaptação de um conceito de espaço que sempre existiu na ocupação humana para os densos centros urbanos. Esses pequenos oásis apareceram para suprir a necessidade das pessoas de terem locais íntimos e acolhedores nas cidades.

Para Perloff (1973, p. 5) "A qualidade do meio ambiente no qual a pessoa vive, trabalha e se diverte, influi consideravelmente na própria qualidade de vida. O meio ambiente pode ser satisfatório e atrativo e permitir o desenvolvimento individual, e pode ser nocivo, irritante e atrofiante".

Weishof (2015), afirma que os pocket parks podem ser estruturados em espaços públicos, que não possuam conservação ou lugares sem perspectiva alguma, como por exemplo, lotes vagos.

Weishof (2015) apud Arroyo (2011) define pocket park como um espaço público concebido através da apropriação de um lote desocupado e abandonado na cidade, deverá ser delimitado por duas ou três extremidades, sendo elas concretas ou figuradas, de acordo com cada local. Os seus equipamentos e características variam de acordo com a aspiração e a carência dos utilitários, mas sempre conservando o bem-estar, tranquilidade e o olhar para a natureza.

No entanto, o pocket park é visto como apropriação paisagística de uma área, tentando levar para o contexto urbano a sensação de "sala de estar ao ar livre" (WEISHOF, 2015 apud SUSTAINABLE CITIES COLLECTIVE, 2013). Assume também função social, mantendo a acessibilidade em todos os sentidos e levando à população a possibilidade de fazer parte do elemento público (WEISHOF, 2015).

Mayone (2009), afirma que as formações dos parques urbanos distenderam e se formaram entre os anos de 1850 e 1860 na Europa, desempenhando um notável diferencial e utilidade na malha urbana, tornando a qualidade de vida da população mais satisfatória.

Segundo Mayone (2009) apud Scalise (2002), os parques urbanos americanos e europeus se modificaram bastante durante o tempo, em relação ao local em que eram implantados, a cultura da população e também as questões econômicas.

Mayone (2009) afirma que o estilo de parque inglês foi uma das maiores influências de parques no mundo até o começo do século XX. Passou pela fase de formação da "cidade-jardim", que surgiram na Inglaterra, como por exemplo, o icônico The Green Park em Londres (FIGURA 3), e assim foram reproduzidas em todos os lugares do mundo.

Figura 3 - The Green Park.

Fonte: Trover, 2018.

1.3.2. Opiniões de Autores Nacionais

Pocket park não possui uma metragem exata, a área em questão pode ser construída em 300 m², como mais de mil (ARAUJO, 2014).

As "Áreas Verdes Urbanas" têm a função de proporcionar melhorias no ambiente das cidades e assim contribuir para o bem-estar da população (JÚNIOR, 2010).

De acordo com Pivetta e Silva Filho (2002), "a vegetação urbana desempenha funções muito importantes nas cidades. As árvores, por suas características naturais, proporcionam muitas vantagens ao homem que vive na cidade, sob vários aspectos".

O conceito dos pocket parks é precisamente este: são pequenas praças, situadas próximos a áreas povoadas, com um padrão de paisagismo muito acima da média (LUCENA, 2012).

Segundo Calender (1995) "Outra modalidade de espaço livre, típica de Nova York, são os Pocket Parks, localizados em pequenos lotes, destinados ao

descanso e lazer, apropriados para a leitura, para a realização de um rápido lanche ou simplesmente para sentar e conversar".

Os espaços construídos, preservados e revitalizados tem um papel importante para uma vivência mais rica da cidade, dissolvendo a monotonia, estabelecendo pontos de referência e vínculos afetivos. Além disso podendo até aumentar o seu potencial turístico (MARCELLINO, 2000, p. 28).

Segundo Mascaró e Oliveira (2006), a condição urbana é refletida em seus espaços públicos de lazer, em nível quantitativo e qualificativo. Deve-se fazer uma análise da qualidade desses espaços, dos benefícios e dos auxílios que eles trazem para seus usuários de maneira democrática.

Segundo Fontes (2009), os Pocket Parks propiciam benefícios às cidades em relação a qualidades ambientais, com o aumento de áreas verdes, e posteriormente a redução de temperaturas, além de fornecer áreas de convívio aos cidadãos. São definidos como "sistemas de espaços livres" eis que sofrem apropriação humana, com funções sociais, ecológicas e harmoniosas.

No século XIX no Brasil, as cidades não possuíam uma estrutura de rede urbana e nem chegavam à altura das cidades europeias, nem mesmo a capital da época, Rio de Janeiro. Assim, o parque urbano foi enquadrado no Brasil como complemento na paisagem apenas da alta sociedade, já que a mesma regia a organização urbana da época, trazendo a influência inglesa e francesa para as cidades (LIMNIOS; FURLAN, 2013 apud MACEDO, 2003).

Os parques tinham características francesas e eram usados como ponto cultural e de convivência para a população, nesse período foram criados vários parques, dentre eles o maior, Parque Ibirapuera, que se localiza na área central de São Paulo (LIMNIOS; FURLAN, 2013 apud ISA, 2008).

Os Parques Lineares são o grande investimento atual do poder público, pois buscam aumentar a área verde na cidade e impedir adversidades socioambientais (LIMNIOS; FURLAN, 2013 apud ISA, 2008).

De acordo com Lima e Amorim, (2006) "Considera-se que o ambiente urbano é formado pelo sistema natural, meio físico e biológico, e pelo sistema antrópico constituído pela sociedade e suas atividades". Portanto ele não funciona da forma de um ambiente fechado onde quase tudo é artificial, pelo contrário, se trata de um ambiente aberto onde a natureza e seus recursos são o fator principal daquele ambiente.

Estes espaços urbanos, parques, áreas verdes, Pocket Parks, ou seja, todos estes espaços são na verdade destinados a um bom convívio entre os frequentadores, um momento de lazer, diversão, descontração e interação entre as pessoas (LIMA; AMORIM, 2006).

2. TIPOLOGIA

2.1. Família: Arquitetura Paisagística

Um projeto arquitetônico é um conjunto de informações visuais que se completam entre si, e pode ser complementado por vários itens que compõe este conjunto, e um deles é o projeto paisagístico (CAU/BR, 2018).

O paisagismo ou a arquitetura da paisagem abrange as características geográficas, hidrográficas, bióticas e humanas em busca de um equilíbrio estético entre os vários elementos da paisagem urbana como a vegetação, área construída e espaços livres para circulação (CAU/BR, 2018).

2.2. Tipo

A tipologia adotada é definida de acordo com cada atribuição que desempenham em determinados temas de trabalhos científicos, no caso do tipo escolhido arquitetura paisagística, suas famílias são:

- Parques:

Conforme o Art. 8º, § 1º, da Resolução (CONAMA Nº 369/2006), considera-se área verde de domínio público "o espaço de domínio público que desempenhe função ecológica, paisagística e recreativa, propiciando a melhoria da qualidade

estética, funcional e ambiental da cidade, sendo dotado de vegetação e espaços livres de impermeabilização".

- Praças:

Conforme Viero e Filho (2009, p. 01) "A praça pode ser definida, de maneira ampla, como qualquer espaço público urbano, livre de edificações que propicie convivência e/ou recreação para os seus usuários".

- Projetos específicos para desenho urbano:

De acordo com o Programa Cidades Sustentáveis (2018) "O desenho urbano é uma atividade que visa à transformação das formas urbanas e seus espaços, ao trabalhar a aparência, a disposição das construções e as funcionalidades dos municípios". Portanto ele é utilizado como mecanismo para reduzir os aspectos negativos que uma urbanização sem planejamento pode causar no meio ambiente.

2.3. Tipo Escolhido

- Arquitetura Paisagística: Pocket Park em Ji-Paraná/RO.

Devido ao fato de existir uma grande carência na cidade de Ji-Paraná de um espaço urbano que ofereça tranquilidade e contato com a natureza, observou-se a necessidade de criar um espaço tranquilo e relaxante para ler um livro ou encontrar com os amigos após um dia corrido de trabalho em meio à confusão do cotidiano da cidade.

De acordo com o Áreas Verdes das Cidades (2015), "o americano Thomas Hoving é o criador do conceito de 'Pocket Park', sendo que os primeiros foram projetados na cidade de Nova York. Tratavam-se de parques inseridos no meio da cidade para proporcionar aos cidadãos um oásis no meio do ritmo frenético das megalópoles".

Com um projeto arquitetônico e paisagístico em meio a cidade, sendo um local agradável para um passeio em família no final da tarde ou nos finais de semana, com ambiente para socialização e área para alimentação, onde a população pode ter um espaço aconchegante para relaxamento, tranquilidade e descontração, bem localizado e acessível a todos (ÁREAS VERDES DAS CIDADES, 2015).

3. METODOLOGIA

3.1. Pesquisa

Para a realização do projeto será utilizado a Pesquisa Qualitativa, que segundo Raupp e Beuren (2006, p.92) "Na pesquisa qualitativa concebem-se análises mais profundas em relação ao fenômeno que está sendo estudado. A abordagem qualitativa visa destacar características não observadas por meio de um estudo quantitativo, haja vista a superficialidade deste último. [...] Na abordagem qualitativa, não se pretende numerar ou medir unidades ou categorias homogêneas".

Godoy (1995, p.21) afirma que "Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando /I captar o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno. Partindo de questões amplas que vão se aclarando no decorrer da investigação".

Podemos partir do princípio de que a pesquisa qualitativa é aquela que trabalha predominantemente com dados qualitativos, isto é, a informação coletada pelo pesquisador não é expressa em números, ou então os números e as conclusões neles baseadas representam um papel menor na análise (DALFOVO; LANA e SILVEIRA, 2008, p. 01).

Para a elaboração deste projeto optou-se pela utilização da pesquisa qualitativa, devido ao fato deste tipo de pesquisa conceber uma visão mais ampla do elemento a ser analisado. A pesquisa qualitativa observa o fenômeno sob um aspecto de qualidade, penetrando mais no assunto e destacando as suas características.

3.2. Método

A elaboração do projeto será feita através do método dedutivo que segundo Rodrigues (2007, p.16) "Se todas as premissas são verdadeiras, a conclusão deve ser verdadeira • Toda a informação ou conteúdo factual da conclusão já estava, pelo menos implicitamente, nas premissas".

Segundo o site Toda Matéria (2017) "Quando o professor demostra um problema na lousa, ele está utilizando o método dedutivo. Isso porque ele parte de uma proposição universal, e através do raciocínio lógico, chega numa conclusão válida".

"O método dedutivo, de acordo com o entendimento clássico, é o método que parte do geral e, a seguir, desde ao particular. A partir de princípios, leis ou teorias consideradas verdadeiras e indiscutíveis, prediz a ocorrência de casos particulares com base na lógica. [...] O raciocínio dedutivo tem o objetivo de explicar o conteúdo das premissas. Por intermédio de uma cadeia de raciocínio em ordem descendente, de análise do geral para o particular, chega a uma conclusão" (PRODANOV E FREITAS. 2013, p.27).

Este por sua vez é capaz de proporcionar a obtenção de conclusões objetivas tendo como propósito explicar o conteúdo, partindo do geral para o particular utilizando dados e teorias para chegar ao resultado desejado.

3.3. Procedimento

"O estudo de caso se caracteriza como um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Visa ao exame detalhado de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma situação em particular" (GODOY. 1995, p.25).

A pesquisa de estudo de caso é uma das várias maneiras de realizar uma pesquisa nas ciências sociais. [...] seria o método preferencial em comparação aos outros em situações nas quais (1) as principais questões de pesquisa são 'como?' ou 'por que?'; (2) um pesquisador tem pouco ou nenhum controle sobre eventos comportamentais; e (3) o foco de estudo é um fenômeno contemporâneo (YIN. 2015, p. 03).

Gil (1999, p. 73) salienta que: "estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir conhecimentos amplos e detalhados do mesmo, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados".

Este método é utilizado na pesquisa qualitativa e auxilia na compreensão mais profunda do objeto a ser analisado, permitindo um alcance de conhecimentos

mais detalhados e abrangentes, tendo como objetivo explorar, descrever e explicar o objeto estudado, procurando esclarecer uma situação mais complexa.

4. REFERENCIAL ARQUITETÔNICO

4.1. Obras Internacionais

4.1.1. Paley Park, Nova York

O primeiro pocket park do mundo está localizado próximo à 5ª avenida, em Manhattan, envolvendo uma área de 390 m² (FIGURA 4). Seu projeto foi executado por mediação da corporação "Park Association of New York" e a pedido do ex-presidente da CBS, Willian Paley, como forma de memorial ao seu pai (ÁREAS VERDES DAS CIDADES, 2015).

Foi desenhado pelo arquiteto Robert Zion e implantado em 1967. Se trata de um pequeno espaço, um lugar de descanso, um canto cheio de vida em meio a uma natureza projetada para relaxar no meio da confusão das grandes cidades (FIGURA 5) (WEISHOF, 2015).

Figura 4 - Paley Park New York.

Fonte: The Sound Adventure, 2014.

Figura 5 - Paley Park.

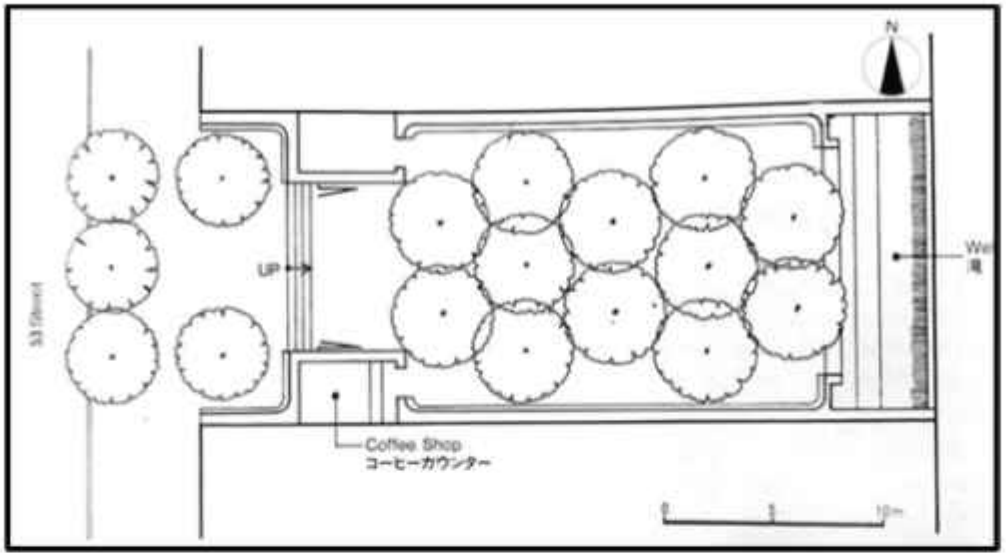
Fonte: Outdoor Project, 2016.

O local onde o pocket park seria inserido havia um edifício de sete andares, onde se localizava o Stork Club, uma casa noturna de Nova York, que funcionou ali por cerca de 35 anos. Serviu até mesmo como cenário para o filme The Wrong Man (1956). Paley o escolheu pela proximidade com a sede da CBS, e por suas dimensões (12,8m X 30,5), que batia com o conceito que Zion havia desenvolvido de pequenos parques entre edifícios (TATE, 2001 apud PAGNONCELLI, 2012).

Na planta baixa do park, pode-se observar a separação dos setores de forma mais clara (FIGURA 6). É possível analisar no corte do mini park, um único desnível do local que é feito pela escada de acesso, além do corte da cascata que se localiza no fim do terreno (FIGURA 7).

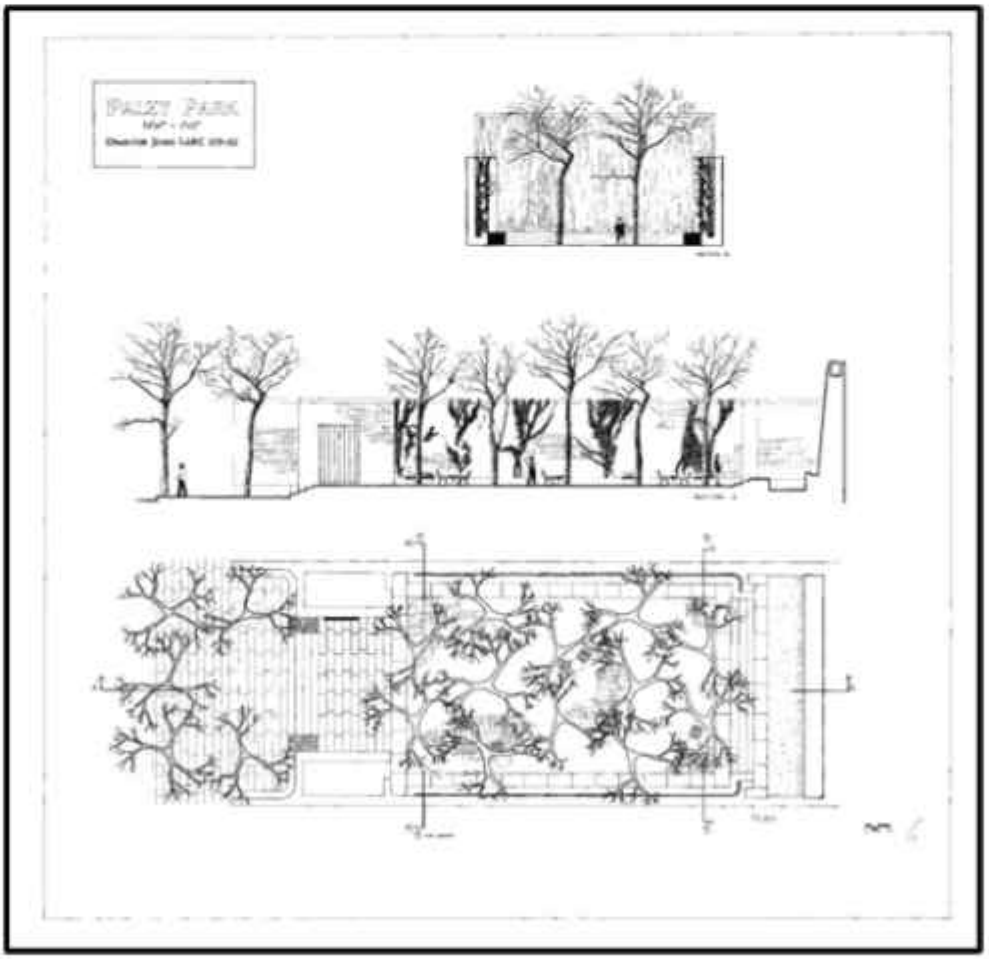
O piso do pocket park é de granito e seu acesso é feito por uma escada e duas rampas. Na área de estar central foram plantadas árvores "seventeen" que proporcionam sombra sobre as cadeiras móveis e as mesas fixas de mármore. Acontecem plantações anuais no local, fazendo com que a diversidade de vegetação aumente cada vez mais. Já na parte de alimentação, existe um quiosque que funciona apenas no decorrer do dia. O Paley Park proporciona uma experiência de parque intimo a população de Nova York (THE CULTURAL LANDSCAPE FOUNDATION, 2012).

Figura 6 - Planta baixa do Paley Park.



Fonte: Pinterest, 2013.

Figura 7 - Planta baixa e cortes do Paley Park.



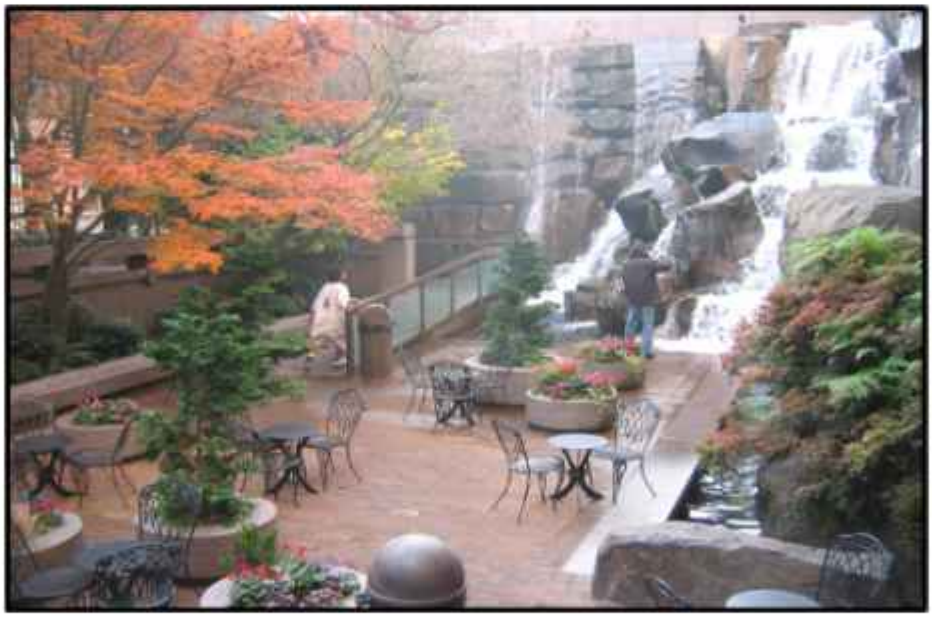
Fonte: Pinterest, 2019.

4.1.2. Waterfall Garden

Localizado em Seattle, o pocket park privado foi concluído em 1978. O projeto foi elaborado por Masao Kinoshita do escritório Sasaki, que também projetou o Greenacre Park e administrado pela Fundação Annie E. Casey, foi criado para comemorar o local de nascimento do United Parcel Service (UPS), que tem como fundador Jim Casey e seus irmãos em homenagem a sua mãe (THE CULTURAL LANDSCAPE FOUNDATION, 2012).

Seu design é uma tradução moderna de um jardim japonês, chamado de Jardim Cachoeira, por ter a cascata de pedras de granitos naturais que possui 6 metros de altura como característica principal (FIGURA 8). Ele é visualmente aberto dos dois lados por meio de um cerca de ferro simples (THE CULTURAL LANDSCAPE FOUNDATION, 2012).

Figura 8 - Waterfall Garden.



Fonte: The Landscape, 2019.

Existem duas elevações com o nível superior propiciando bancadas fixas de granito e cadeiras e mesas móveis e também áreas com coberturas em vidro e aço, protegendo esses locais das chuvas. No nível inferior, existem cadeiras e mesas mais próximas ao microclima do local, é uma área de convívio totalmente a céu aberto (FIGURA 9) (THE CULTURAL LANDSCAPE FOUNDATION, 2012).

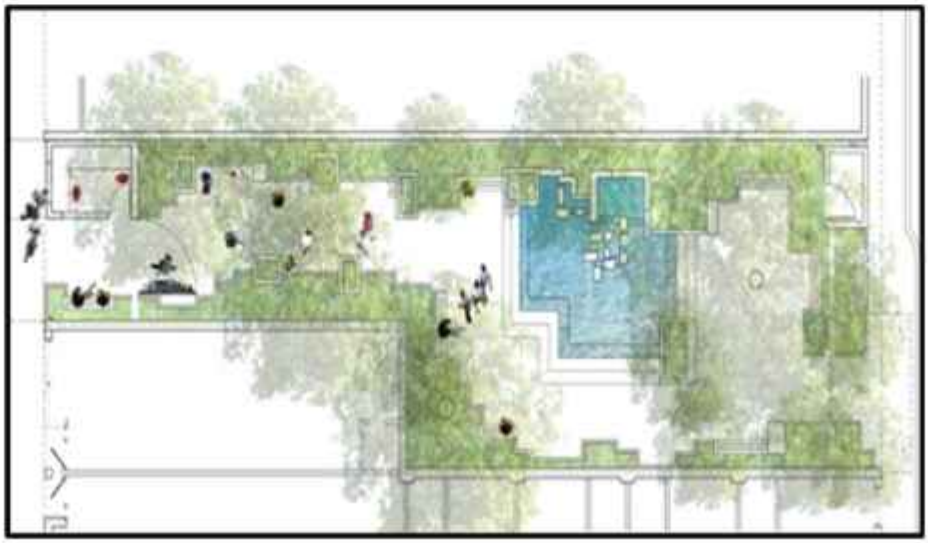
Figura 9 - Waterfall Garden Seattle.

Fonte: Pinterest, 2016.

4.1.3. John F. Collins Park

Com o projeto elaborado por John Francis Collins, o pequeno parque foi inserido em junho de 1979 como um dos primeiros pocket parks da Philadelphia. Na planta baixa, pode-se notar a área estreita do projeto, que se localiza entre dois edifícios no centro da cidade (FIGURA 10) (THE CULTURAL LANDSCAPE FOUNDATION, 2012).

Figura 10 - Planta baixa do John F. Collins Park.



Fonte: Pinterest, 2019.

O parque possui diferentemente dos outros citados, dois acessos, que são feitos por portões de ferro ornamentais que foram elaborados pelo artista Christopher T. Ray (FIGURA 11). As paredes laterais são cobertas por hera, possuem apenas árvores nativas, além de todo o parque ser constituído de materiais vegetais locais e decorados com mobiliário de madeira móvel e fixo (THE CULTURAL LANDSCAPE FOUNDATION, 2012).

Figura 11 - Portão de acesso ao park.

Fonte: Pinterest, 2019.

Na área central do parque existe uma fonte em cascata feita de plintos de concreto verticais, o concreto é usado em todo o pavimento da área de circulação do parque também (FIGURA 12 e 13). Em 2011, o parque foi reformado e reinaugurado como John F. Collins Park (THE CULTURAL LANDSCAPE FOUNDATION, 2012).

Figura 12 - John F. Collins Park.

Fonte: Pinterest, 2019.

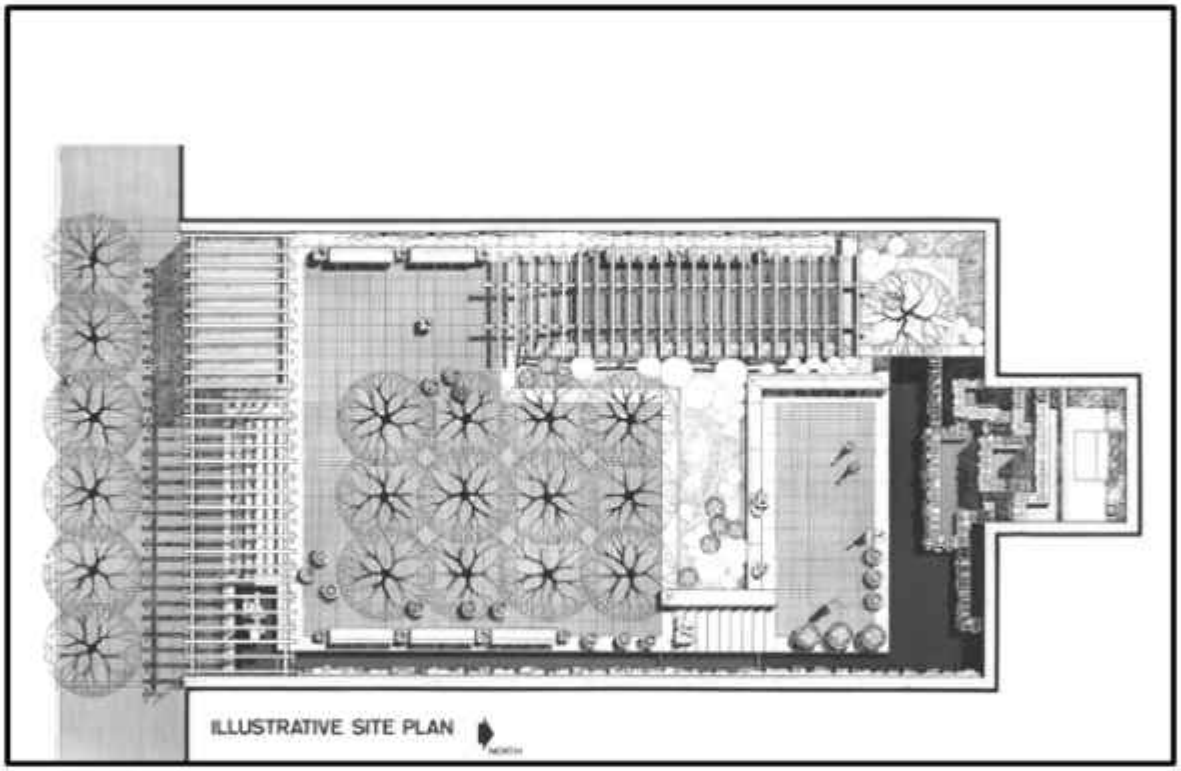
Figura 13 - Fonte do John F. Collins Park.

Fonte: Pinterest, 2019.

4.1.4. Greenacre Park, Nova York

Do Paley Park gerou- se outros pocket parks, como o Greenacre Park, que foi planejado pelo arquiteto estadunidense Hideo Sasaki, na figura 14 pode-se observar a planta baixa desse projeto que foi implantado em 1971, em uma área de 648 metros quadrados (LOURENÇO, 2012).

Figura 14 - Planta baixa do Greenacre Park.



Fonte: Sasaki, 2013.

De acordo com o site The Cultural Landscape Foundation (2012), "A dramática fonte em cascata de 7,62m de altura no terraço traseiro afundado é o culminar do jardim, aberto para o céu e partindo dos outros terraços por plantações perenes exuberantes".

O terreno medindo pouco mais de 18m de largura por 36,60m de profundidade aparenta ser muito maior por causa da forma que o arquiteto definiu espacialmente o parque, trabalhando com uma variação de composições que envolve todo o parque numa ótima combinação, que contem arvores, plantas, pedras de vários formatos e a água. (THE CULTURAL LANDSCAPE FOUNDATION, 2012).

Possui uma entrada de acesso que contém uma escada e uma rampa (FIGURA 15) seus espaços são bem estabelecidos, utiliza-se variações de texturas nas paredes e o emprego de cascata, que é o ponto principal do jardim (FIGURA 16) (THE CULTURAL LANDSCAPE FOUNDATION, 2012).

Figura 15 - Entrada do Greenacre Park.

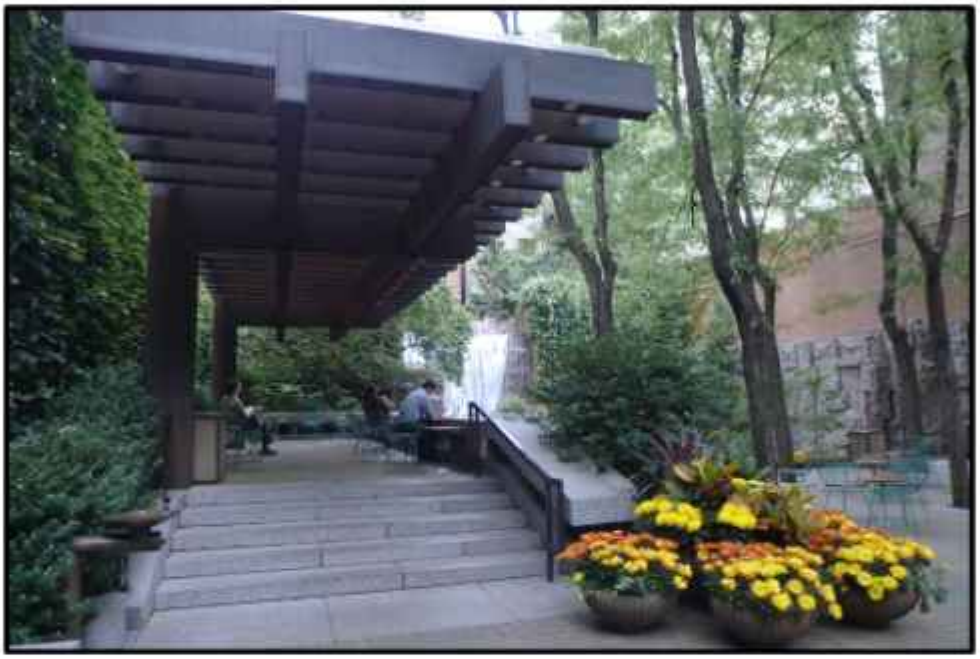
Fonte: Ny.curbed, 2017.

Figura 16 - Cascata do Parque.

Fonte: Sideways, 2016.

O pequeno parque é delimitado da rua por um pergolado onde é inserido pela primeira vez a água, com uma fonte texturizada com filetes de água. No interior do pocket park, existe outro pergolado, visto na figura 17, onde é também uma área de convivência e proporciona um mirante com vista para o jardim (THE CULTURAL LANDSCAPE FOUNDATION, 2012).

Figura 17 - Mirante do Pocket Park.



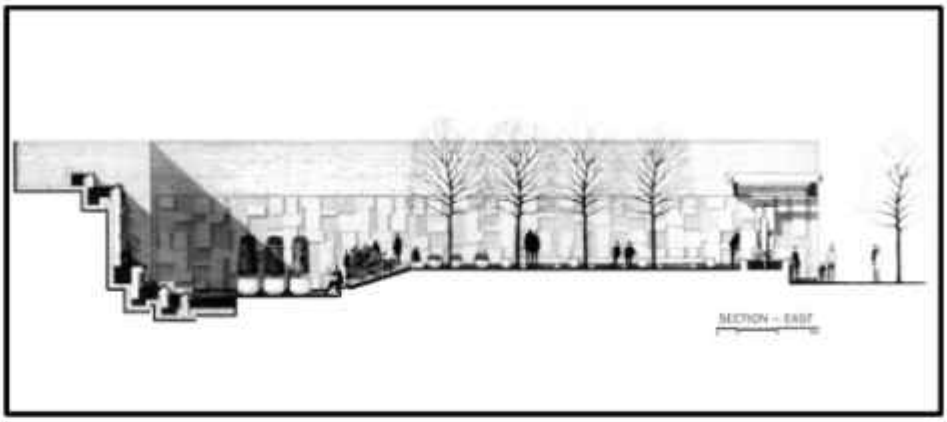
Fonte: Today's the day, 2013.

Conforme Sasaki (2018) "As amplas paredes dos assentos e os degraus amplos proporcionam lugares adicionais para se sentar durante os horários de pico, como a hora do almoço, e uma pequena lanchonete serve comida e café durante todo o dia".

As árvores permitem que o sol passe levemente por suas folhas dando uma sensação de frescor, e ao mesmo tempo cobre a visão das construções ao redor para quem está dentro do parque assim criando uma sensação única de envolvimento com a natureza (SASAKI, 2018).

Na figura 18, pode-se analisar o corte do terreno e seus desníveis, que fazem com que o ambiente pareça maior e seja mais aproveitado (THE CULTURAL LANDSCAPE FOUNDATION, 2012).

Figura 18 - Corte do Greenacre Park.



Fonte: The cultural landscape foundation, 2012.

4.1.5. Septuagésimo Uno, Nova York

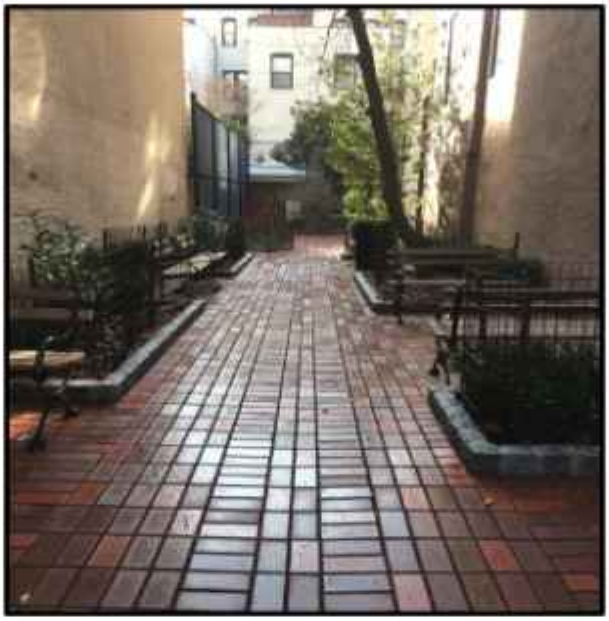
Septuagésimo Uno é normalmente conhecido como "o menor parque da cidade de Nova York". Embora existam menores na cidade, este parque tem um grande impacto para os residentes próximos ao local, visto na figura 19 o parque fica localizado entre dois edifícios residenciais (NYC PARKS, 2019).

Figura 19 - Fachada do parque.

Fonte: Pinterest, 2019.

Construído no final da década de 60 como parte da campanha do Vest Pocket Park do prefeito John V. Lindsay, para proporcionar espaços verdes para pequenos lotes entre edifícios, o pequeno pocket park oferece assentos e sombra, além de uma série de canteiros ajardinados (FIGURA 20) (NYC PARKS, 2019).

Figura 20 - Interior do parque.



Fonte: Deskgram, 2019.

Possui 160 m², está localizado na 71st Street em Manhattan, O parque é operado e mantido pelo Departamento de Parques e Recreação de Nova York. Originalmente chamado de "71st Street Plot", em 2000 foi renomeado pelo Comissário de Parques Henry Stern (FIGURA 21) (NYC PARKS, 2019).

Figura 21 - Pocket Park Septuagésimo Uno.

Fonte: Winnie, 2019.

4.2. Obras Nacionais

4.2.1. Pracinha Oscar Freire

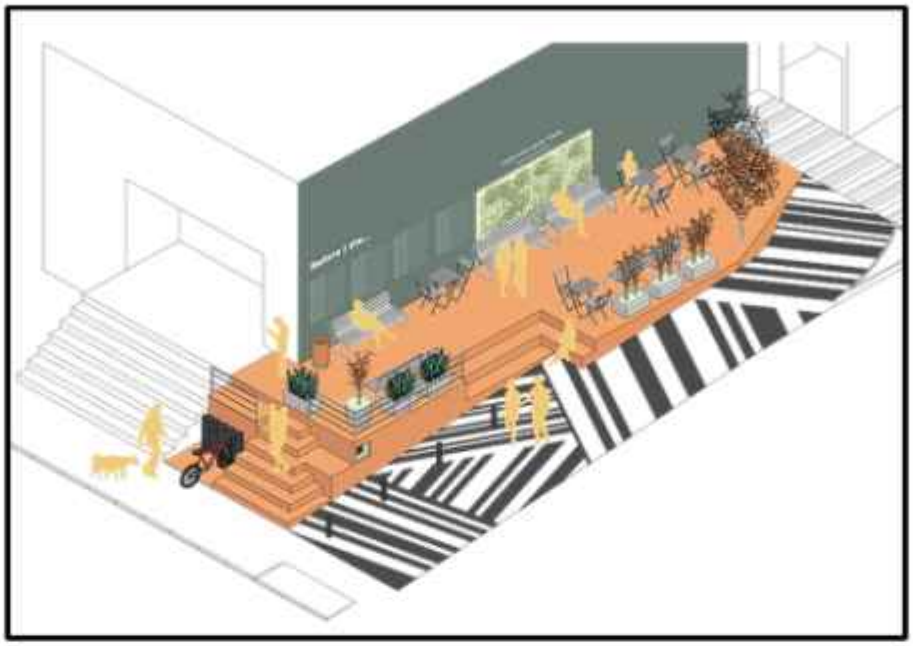
Em 21 de março de 2014, inaugurou-se "A Pracinha Oscar Freire" em São Paulo. Foi implantado na área de uma rampa de estacionamento em meio à área central da cidade, assim como todos os pocket parks é um lugar de entrada gratuita (FIGURA 22). Criado pela empresa REUD com o Instituto Mobilidade Verde, tem como objetivo um local de uso público, no qual os utilitários possam pausar e descansar, assistir a uma exposição de arte e habituar-se a cultura (INSTITUTO MOBILIDADE VERDE, 2014).

Figura 22 - Pracinha Oscar Freire.

Fonte: Pinterest, 2019.

Com 300 m², foi projetado em dois níveis (FIGURA 23), sendo acessível para pessoas com deficiência e levando a ideia de escadas como bancos, tornando possível o total aproveitamento para descanso na área (INSTITUTO MOBILIDADE VERDE, 2014).

Figura 23 - Perspectiva da pracinha Oscar Freire.



Fonte: Zoom, 2019.

A utilização de pallets faz o ambiente se tornar mais ecológico, as texturas das pinturas são para alertar os motoristas que é um local para uso de pedestres (FIGURA 24) (INSTITUTO MOBILIDADE VERDE, 2014).

Figura 24 - Pocket Park "Oscar Freire".

Fonte: Zoom, 2019.

4.2.2. Praça da Rua Amauri

A praça da Rua Amauri em São Paulo veio seguindo o estilo dos primeiros Pocket Park do mundo adotando basicamente no mesmo conceito só que sem as cachoeiras artificiais, foi projetado em 2002 e inaugurado em 2003 (FIGURA 25). Segundo Pereira "O primeiro Pocket Park implantado no Brasil foi a Praça da Amauri, projetada em 2002 pelo arquiteto Isay Weinfeld e nasceu da proposta do arquiteto ao empresário que tinha como ideia inicial a criação de um novo restaurante no terreno em questão" (PEREIRA, 2017).

Figura 25 - Praça da rua Amauri.

Fonte: Boechat, 2016.

Possui vegetação, cadeiras soltas, bancos de cimento fixos nas laterais, com guarda-sóis e com árvores que melhoram a sensação térmica criando um ambiente mais confortável para os seus frequentadores (PEREIRA, 2017).

É delimitada por dois edifícios e nivelada com a calçada, funcionando como uma prolongação desta, sendo convidativa ao pedestre. A praça dispõe de bancos fixos, cadeiras móveis e mesas fixas com xadrez, tornando o local mais dinâmico (FIGURA 26), espelho d'água e um café que disponibiliza as peças, para que os usuários possam jogar (BOECHAT, 2016).

Figura 26 - Parque da rua Amauri.

Fonte: Cru e cozido, 2010.

Conforme Boechat (2016) "A praça oferece bancos e cadeiras móveis com xadrez e um pequeno café onde visitantes podem pegar as peças. A praça com uma ótima sombra de ipês amarelos e fios de água que escorrem pelo granito das paredes". Esta praça foi construída no mesmo nível da calçada como uma extensão da calçada, assim sendo bem convidativa para aqueles que por ali estão passando sendo então de total acessibilidade para todos (FIGURA 27).

Figura 27 - Mobiliário da praça.

Fonte: Boechat, 2016.

4.2.3. Pocket Park Moema

O Pocket Park Moema foi planejado para dar à cidade de São Paulo um espaço de lazer e convívio público onde as pessoas possam desfrutar de Wi-Fi gratuito, food trucks, espaço para passear com a família e seus pets, além de ouvir uma boa música. O que antes ficava localizado um estacionamento fechado, agora é uma praça que oferece aos visitantes diversas opções de lazer para a população de Moema, na Zona Sul de São Paulo (FIGURA 28) (ENCONTRA MOEMA, 2019).

Figura 28 - Fachada Pocket Park Moema.

Fonte: Moema tips, 2016.

Inaugurado em 2015, a pracinha dispõe de um serviço de bicicletário e valet para o conforto dos visitantes. Localizado a céu aberto, é considerado um dos Pockets Parks mais charmoso de São Paulo por possuir como seu diferencial a gastronomia, a música e arte encontrados no local (FIGURA 29) (CELIBERTO, 2017).

Figura 29 - Entrada Pocket Park Moema.

Fonte: BaresSP, 2017.

Após completar 2 anos de existência, foi feito no ambiente uma reforma onde foram inseridas mesas que possuíam guarda-sóis para a proteção contra sol e chuva (FIGURA 30), deixando o local mais aconchegante para a população (ENCONTRA MOEMA, 2019).

Figura 30 - Pocket Park Moema.

Fonte: Kekanto, 2019.

4.2.4. Jardim Japonês (Fortaleza/CE)

"O espaço levou mais de 2 anos para ser construído e custou cerca de 2 milhões de reais, possui 1.900 m² e cerca de 50 espécies de plantas, que compõe o projeto paisagista de Salomão Nogueira. Foi inaugurado em 11 de abril de 2011" (FIGURA 31) (GOMES, 2012).

Figura 31 - Jardim Japonês.

Fonte: Olhares, 2011.

Este projeto possui cerca de 50 espécies de plantas seguindo o estilo japonês e nascente d´água, lago, carpas que representam a coragem e perseverança, cascata que simboliza a força e a juventude, ponte que significa a ligação entre a terra e o paraíso (FIGURA 32) (CAMILA, 2009).

Figura 32 - Jardim Japonês em Fortaleza.

Fonte: CK Fotos, 2019.

O jardim estilo oriental simbolizando a terra do sol nascente traz também um templo de meditação no patamar mais auto do projeto, luminárias típicas japonesas, lanternas de pedras no jardim como visto no croqui do jardim (FIGURA 33) (CAMILA, 2009).

Figura 33 - Croqui Jardim Japonês.

Fonte: Diário do Nordeste, 2015.

Várias pedras de vários tamanhos foram utilizadas neste projeto para compor o paisagismo (CAMILA, 2009).

4.2.5. Parque do Bosque dos Buritis (Goiânia/GO)

De acordo com o Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Goiânia (2013), "o Bosque dos Buritis está situado no Setor Central e é limitado pelos setores Oeste e Central. Foi proposto no Plano Original da cidade em 1933, com uma área de 40 hectares, restando hoje, uma área aproximada de 124.800 m², que inclui a Assembleia Legislativa, o Museu de Arte de Goiânia e o Centro Livre de Artes da Prefeitura" (FIGURA 34).

Figura 34 - Entrada do Bosque dos Buritis.

Fonte: Curta Mais, 2015.

Possui três lagos com fontes luminosas, iluminação noturna especial, orquidário, espaço multifuncional para eventos, pista interna e externa para caminhada, parque infantil, museu de artes, estação de ginástica, quiosques, mirante e caminhos internos (FIGURA 35) (CURTAMAIS, 2015).

Figura 35 - Cascata do bosque.

Fonte: Áreas Verdes das Cidades, 2018.

Conforme uma matéria feita pelo site do G1, "o Bosque fica localizado entre as Ruas 1 e 29, a Avenida Assis Chateaubriand e Alameda dos Buritis, nos Setores Central e Oeste, na região Central, o Bosque dos Buritis é um dos mais antigos e tradicionais cartões postais de Goiânia. Criado em 1938, passou por um amplo projeto de revitalização em 2007 e 2008" (FIGURA 36) (G1, 2011).

Figura 36 - Bosque dos Buritis.

Fonte: Pinterest, 2019.

Foi projetado no início, no Plano Oriental da Cidade para ser uma área verde. Data de conclusão da obra: Inaugurado em 1933, revitalizado em 2007 e também em 2008 (G1, 2011).

4.3. Análise de Referências

Neste tópico será abordado através dos quadros os destaques principais de cada obra de referência, tanto internacionais (FIGURA 37) quanto nacionais (FIGURA 38).

Figura 37 - Quadro de Análise das Obras de Referências Internacionais.

Imagem	Obra	Destaques
	Nome: Paley Park. Local: Nova York, USA.	1 – Cascata artificial; 2 – Acessibilidade; 3 – Arborização; 4 – Portão de acesso; 5 – Mobiliário fixo e móvel.
	Nome: Waterfall Garden Park. Local: Seattle, USA.	1 – Cachoeira artificial; 2 – Acessibilidade; 3 – Arborização; 4 – 02 portões de acesso; 5 – Mobiliário fixo e móvel.
	Nome: John F. Collins Park. Local: Philadelphia, USA.	1 – Fonte artificial; 2 – Acessibilidade; 3 – Arborização; 4 – Portão de acesso; 5 – Mobiliário fixo e móvel.
	Nome: Greenacre Park. Local: Nova York, USA.	1 – Cascata artificial; 2 – Acessibilidade; 3 – Arborização; 4 – Mobiliário fixo e móvel; 5 – Cafeteria e lanchonete.
	Nome: Septuagésimo Uno. Local: Nova York, USA.	1 – Acessibilidade; 2 – Arborização; 3 – Portão de acesso; 4 – Mobiliário fixo.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Figura 38 - Quadro de Análise das Obras de Referências Nacionais.

Imagem	Obra	Destaques
	Nome: Pracinha Oscar Freire. Local: São Paulo, BR.	1 – Acessibilidade; 2 – Área para Food Trucks; 3 – Mobiliário fixo e móvel; 4 – Construída em 02 níveis; 5 – Uso da madeira.
	Nome: Praça da Rua Amauri. Local: São Paulo, BR.	1 – Acessibilidade; 2 – Cafeteria e lanchonete; 3 – Mobiliário fixo e móvel; 4 – Arborização; 5 – Jogos para interação.
	Nome: Pocket Park Moema. Local: São Paulo, BR.	1 – Acessibilidade; 2 – Cafeteria e lanchonete; 3 – Mobiliário fixo e móvel; 4 – Arborização e toldos 5 – Portão de acesso.
	Nome: Jardim Japonês. Local: Fortaleza, BR.	1 – Cascata e lago; 2 – Diversas espécies de plantas; 3 – Templo de meditação; 4 – Projeto oriental.
	Nome: Parque do Bosque dos Buritis. Local: Goiânia, BR.	1 – Lagos com fonte; 2 – Mirante e caminhos internos; 3 – Quiosques; 4 – Arborização. 5 – Portão de acesso.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

5. PROGRAMA DE NECESSIDADES

5.1. Quadro Resumo Obras Internacionais e Nacionais

Figura 39 - Quadro Resumo das Obras de Referências Internacionais.

Setor	*Programa*	*Paley Park*	*Waterfall Garden Park*	*John F. Collins Park*	*Greenacre Park*	*Septuagésimo Uno*
Circulação	Portão de acesso	S	S	S	S	S
	Sombra de árvores	S	S	S	S	S
	Queda d'água	S	S	S	S	N
	Mobiliário fixo	S	S	S	S	S
	Mobiliário móvel	S	S	S	S	N
	Ambiente coberto	N	S	N	S	N
	Pergolado	N	S	N	S	N
	Paisagismo	S	S	S	S	S
	Rampa de acessibilidade	S	S	N	S	N
	Escada de acesso	S	S	N	S	N
	Bebedouro	S	S	?	S	N
Área Íntima	Banheiro	S	?	?	S	N
Área de Serviço	Cafeteria/ Lanchonete	S	?	N	S	N

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Legenda: (S) sim (N) não (?) sem informação

Figura 40 - Quadro Resumo das Obras de Referências Nacionais.

Setor	Programa	Pracinha Oscar Freire	Praça da Rua Amauri	Pocket Park Moema	Jardim Japonês	Bosque dos Buritis
Circulação	Portão de acesso	N	N	S	N	S
	Sombra de árvores	N	S	S	N	S
	Queda d'água	N	N	N	S	S
	Mobiliário fixo	S	S	S	S	S
	Mobiliário móvel	S	S	S	N	N
	Ambiente coberto	N	N	S	S	S
	Pergolado	N	N	N	N	N
	Paisagismo	S	S	S	S	S
	Rampa de acessibilidade	S	N	N	N	N
	Escada de acesso	S	N	N	S	N
	Bebedouro	N	N	?	N	?
Área Íntima	Banheiro	N	N	?	N	?
Área de Serviço	Cafeteria/ Lanchonete	S	S	S	N	N

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Legenda: (S) sim (N) não (?) sem informação

5.2. Programa de Necessidades Proposto

Ao analisar os programas de necessidades das obras de referências pôde-se perceber que alguns projetos eram mais completos que outros. Com a finalidade de elaborar um projeto que atenda o objetivo de oferecer um lugar agradável para

todos, pensado com base nos costumes da região e favorecendo o fácil acesso, foi proposto o seguinte programa de necessidade para o Pocket Park de Ji-Paraná.

Figura 41 - Quadro Programa de Necessidades Proposto.

Setores	Ambientes	Quantidade	Área
Áreas Sombreadas	Arborização/ Área Verde	01	198,72m²
Subsistência	Banheiro	01	3,14m²
	Praça de Alimentação Coberta	01	70,96m²
Acolhimento	Acesso/Entrada	01	11,99m²
Microclima	Queda d'água	01	75,19m²
Total		05 amb.	Área: 360,00 m²

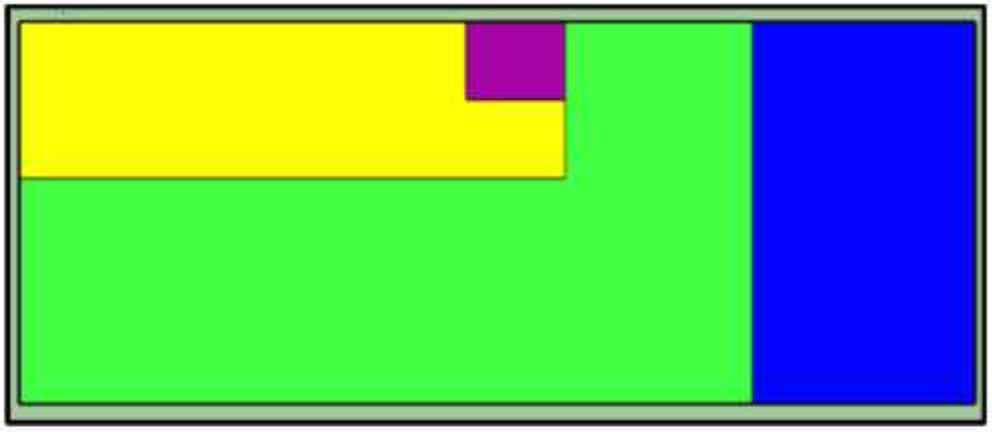
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

5.3. Estudo de Massas

Diante o estudo de massas é determinada a volumetria e setorização, possibilitando demonstrar a forma dos volumes, o fluxograma também entra nessa categoria pois indica como será a organização espacial do projeto proposto.

5.3.1. Setorização

Figura 42 - Setorização do Pocket Park.



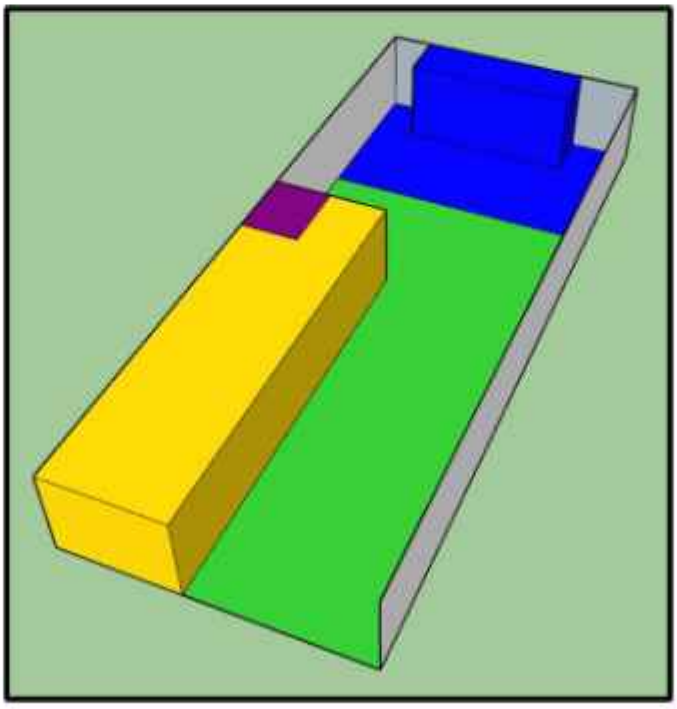
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Legenda:

- Área de convivência
- Área coberta
- Subsistência
- Microclima

5.3.2. Volumetria

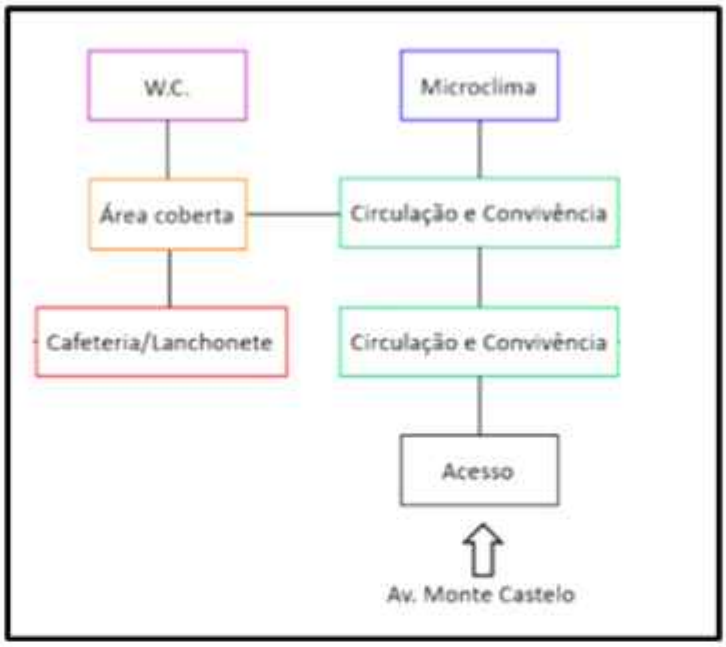
Figura 43 - Volumetria Pocket Park.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

5.4. Fluxograma

Figura 44 - Fluxograma.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Legenda:

- Área de convivência
- Área coberta
- Subsistência
- Subsistência
- Microclima

6. ESTUDO DE CASO DE SÍTIO

Neste tópico será apresentado o local de implantação do projeto do Pocket Park, através do estudo e das imagens anexadas a seguir é possível fazer a análise do local do lote, do seu entorno, a topografia encontrada no terreno, vias de acesso e entre outras informações.

6.1. Imagens

As figuras que aparecerão a seguir são correspondentes ao local escolhido para a implantação do projeto, diversos fatores determinaram na escolha do terreno que serão detalhadamente explicados em seguida.

Figura 45 - Vista aérea do Estado de Rondônia (Google Earth, 2019).

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

6.1.1. Cidade

Para a escolha do terreno foi realizada uma pesquisa no município para definir o melhor local de implantação do projeto, portanto o local escolhido fica localizado no 1º distrito da cidade.

Figura 46 - Vista aérea da cidade de Ji-Paraná (Google Earth, 2019).

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

6.1.2. Bairro

O bairro 2 de abril é um dos bairros mais antigos do município, nele ficam localizados restaurantes, lanchonetes, sorveterias, comércio varejista, escolas e além de ser ótimo bairro residencial não fica muito afastado do centro da cidade.

Figura 47 - Vista aérea do bairro, com marcador de localização (Google Earth, 2019).

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

6.1.3. Quadra

A quadra onde está localizado o lote selecionado é composto por poucos comércios, em sua grande maioria são residências, o lado principal da quadra fica localizado na Avenida Monte Castelo onde também se localiza o terreno, em frente a quadra se encontra a Escola Gonçalves Dias.

Figura 48 - Vista aérea da quadra onde o lote está localizado (Google Earth, 2019).

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Legenda: Avenida Monte Castelo Quadra selecionada

6.1.4. Lote

A localização do lote como já informado, está em uma área muito boa da cidade, fica entre duas edificações e seu único acesso é pela Av. Monte Castelo. A escolha do lote se deu pelo motivo de se estar bem localizado, em uma avenida bem movimentada justamente para que todos que por ali passar poder apreciar o belo Pocket Park e tirar um momento de descanso e lazer.

Figura 49 - Vista aérea da quadra com o lote demarcado (Google Earth, 2019).

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Legenda: Lote selecionado

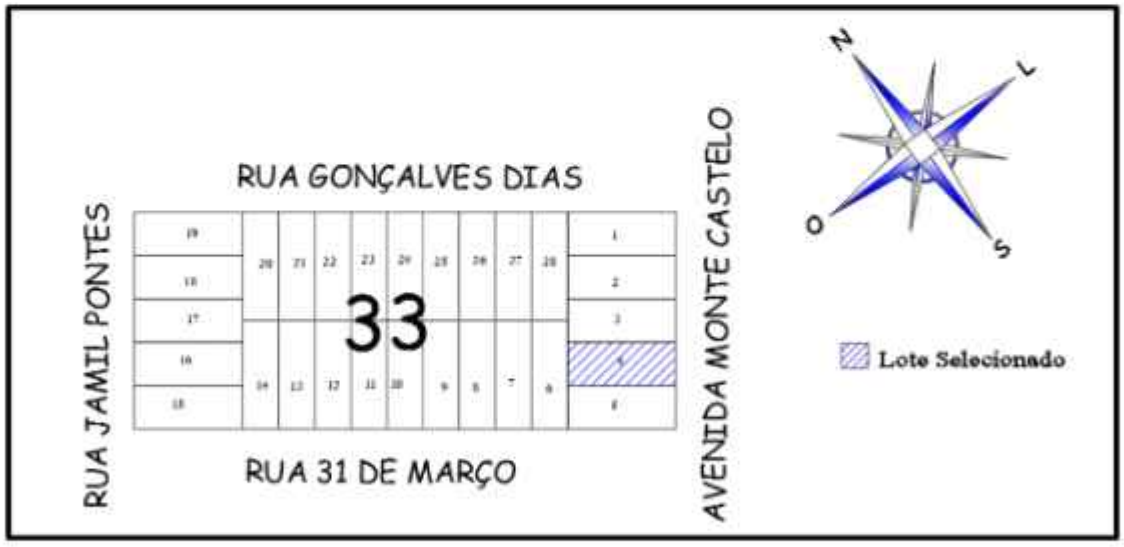
6.2. Localização e Acessos

O terreno é bem localizado por se encontrar em uma das avenidas principais da cidade, seu acesso se dá unicamente pela Av. Monte Castelo. Dentro do perímetro do bairro encontra-se escolas, restaurantes, lanchonetes, sorveterias, lojistas, farmácias, cooperativas e entre outros tipos de empreendimentos, além de ser um ótimo bairro residencial.

6.3. Lote

O lote escolhido fica na quadra 33 e o número do terreno é o 4, possui 12 metros de frente/fundo e 30 metros nas laterais, contendo área total de 360m². O terreno é plano e fica entre duas construções, se encontra atualmente sem nenhuma edificação sobre ele e limpo de entulhos.

Figura 50 - Quadra com lote demarcado.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

6.3.1. Características

Figura 51 - Características do lote.

Descrição	Sim	Não
Declividade		x
Ocupação		x
Arborização		x
Murado/Cercado	X	
Iluminação Pública	X	
Pavimentação	X	
Água	X	
Esgoto	X	
Transporte Público	X	

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

6.3.2. Índices Urbanísticos

Área: urbana.
Terreno: 360m².
Taxa de ocupação: 20%.
Coeficiente de aproveitamento: 0.2.
Taxa de permeabilidade: 58,5% - 210,75m² de área permeável.
Recuo: 4m da calçada Av. Monte Castelo.

A escolha da área se deu pelo motivo do lote se encontrar em uma região bem movimentada, pois a avenida onde se localiza é umas das principais e mais antiga do município.

7. CONCEITO E PARTIDO ARQUITETÔNICO

Este capítulo abordará o conceito e as características gerais, as técnicas construtivas, bem como os materiais que serão empregados no projeto, dando ênfase à questão da sustentabilidade, acessibilidade e do conforto ambiental.

7.1. Conceito

Para a elaboração do partido arquitetônico do Pocket Park teve como inspiração o conceito de um Oásis (FIGURA 52) que se trata de um ponto isolado no deserto encoberto por vegetação, água abundante e serve como um local de descanso. Entretanto, a ideia central é ir muito além de um simples pensamento de água em meio ao deserto e sim como um ponto verde de refúgio em meio a uma selva de pedras.

Será um local acessível onde todos possam desfrutar de um ambiente único, um lugar sereno e tranquilo para recarregar as energias e descansar, repleto de natureza e uma cascata d'agua para amenizar o som corriqueiro da cidade, podendo refletir, relaxar e ler um bom livro, interagir socialmente e descontrair com os amigos ou família após um dia de trabalho e/ou no final de semana.

Figura 52 - Oásis de Huacachina localizada no deserto do Peru.

Fonte: Guia viajar melhor, 2019.

7.2. Partido Arquitetônico

Com este tópico serão mostradas as diretrizes que irão compor o projeto arquitetônico do Pocket Park em Ji-Paraná/RO, para melhor compreensão das questões como técnicas construtivas e os diversos materiais adotados no projeto, a climatização dos ambientes e como serão aplicados, e a legislação e as normas

sociais aplicadas que definiram o funcionamento do espaço se tratando de um ambiente público.

7.2.1. Sustentabilidade

A climatização será feita de forma natural, as calçadas serão em blocos de concreto permeáveis, o sombreamento será feito através de árvores e ambientes cobertos que amenizaram muito bem a temperatura encontrada no município.

Figura 53 - Tipos de sombreamentos do Greenacre Park.

Fonte: Sideways, 2014.

7.2.2. Conforto térmico

Se tratando de conforto térmico, será inserido uma queda d'agua funcionando como microclima para deixar o ambiente úmido, proporcionando uma pequena brisa. As áreas de convivência cobertas terão coberturas com telhas termo acústica, proporcionando um conforto acústico e térmico aos visitantes.

Figura 54 - Cascata.

Fonte: Mapas de viajem, 2019.

7.2.3. Circulação e convivência

Os setores de convivência e circulação serão definidos de acordo com a necessidade de cada e a quantidade média de visitantes que serão recebidos no Pocket Park.

Figura 55 - Waterfall Garden.

Fonte: Land8, 2013.

7.2.4. Materiais

Cadeiras e mesas de ferro irão compor o mobiliário móvel do local, escolhidas por possuírem uma pegada elegante, romântica, delicada, sofisticada e por possuírem uma grande resistência ao sol e chuva encontrados em grande abundância no estado.

Além dos mobiliários móveis haverá também os fixos, estes serão feitos de madeira de demolição tratados com proteção à humidade, ajudando a proporcionar uma mistura de rústico, moderno e natural ao parque.

As telhas termo acústicas ou telha sanduíche tem como função o isolamento térmico e acústico do local, elas são compostas por duas telhas trapezoidais, entre essas duas telhas é feito o preenchimento com poliestireno (isopor) ou poliuretano formando um sanduíche. "A Telha Termo acústica de Poliuretano (PUR) é própria para obras comerciais, residenciais ou industriais. Destaca-se por ser isolante termo acústico e apresentar ótima resistência mecânica. Além disso, é leve e não sobrecarrega a estrutura de sustentação" (AEC WEB, 2018).

O pergolado será composto por pilares e vigas em madeira, com cobertura em policarbonato e forro de palha natural para reduzir a incidência do sol e também proporcionar um aspecto mais natural ao ambiente.

As rampas deverão atender às especificações da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) NBR-9050:2015 que propõe os critérios que devem ser seguidos no projeto. Além das rampas, as escadas encontradas no projeto atenderão às normas adequadamente.

Blocos de concretos permeáveis serão utilizadas nas calçadas, o que possibilitará a absorção da água da chuva e total acesso do cadeirante ao parque. Para melhor aproveitamento do público, será inserido bebedouro de pedra resistente para ambientes externos de parques e áreas recreativas. O parque por ser um local público possuirá sanitários que atenda as normas da ABNT, em suas diretrizes da NBR-9050:2015.

7.2.5. Paisagismo

O paisagismo que irá complementar e dar vida ao projeto se tratará tanto de árvores quanto de arbustos, a seguir será mostrado algumas das espécies que serão utilizadas e suas fichas técnicas.

- Jacarandá mimosaefolia

Mais conhecida por jacarandá-mimoso, originária da Argentina, Peru e sul do Brasil, pertence à família das Bignoniáceas, necessita de sol pleno, podendo chegar até 15 metros de altura, sua copa é aberta e arredondada, e o solo que ela exige para o plantio é bem adubado, não requer podas.

Figura 56 - Jacarandá mimoso.

Fonte: Mundo das sementes, 2019.

- Samambaia

"Samambaias são consideradas as plantas mais antigas da face da Terra, são plantas que não produzem sementes nem flores, se reproduzem por esporos (pontinhos marrons que podem ser vistos na face interna das folhas) e também por pedaços de rizomas. Geralmente, as samambaias gostam de meia sombra e umidade

no ar razão pela qual são criadas dentro das residências, em ambientes mais sombreados, ou penduradas em árvores" (BRANCO, 2017).

Figura 57 - Samambaia.

Fonte: Meio ambiente jardim, 2013.

- Areca Bambu

Muito comum vê-la em praças e nos jardins brasileiros. Porém ela é uma planta nativa de Madagascar.

Figura 58 - Areca Bambu.

Fonte: Pinterest, 2019.

- Palmeira Rabo de Raposa

Esta espécie é nativa da Austrália e sua característica principal são suas folhas espetadas como um rabo de raposa como o nome diz, é considerada de grande porte pois alcança até 25 metros e se adapta bem ao clima da região (DOCEOBRA, 2018).

Figura 59 - Palmeira Rabo de Raposa.

Fonte: Mercado livre, 2019.

- Podocarpo

Também conhecida como pinheiro-de-buda ela entra na categoria dos arbustos, se adapta bem com o clima quente e é originária da Ásia, china e Japão, pode chegar a até 6 metros de altura, se mantém tanto em meia sombra quanto sol pleno (PATRO, 2013).

Figura 60 - Podocarpo.

Fonte: Mondini plantas, 2019.

- Hera Unha-de-Gato

Seu nome científico é ficus pumila e seus nomes populares são unha-de-gato e herinha, pertencem à família das moráceas e entra na categoria de trepadeiras, é considerada uma das trepadeiras mais utilizadas no paisagismo. Seus ramos são muito aderentes e para que cresça basta lhe fornece um suporte adequado e em pouco tempo estará completamente formada (PATRO, 2014).

Seu clima é equatorial, subtropical, tropical e é originária da Ásia, china, Japão e Vietnã, alcança de 9 a 12 metros de altura, se mantém tanto em meia sombra quanto sol pleno (PATRO, 2014).

Figura 61 - Hera Unha de Gato.

Fonte: Terra, 2014.

- Begônia-cerosa

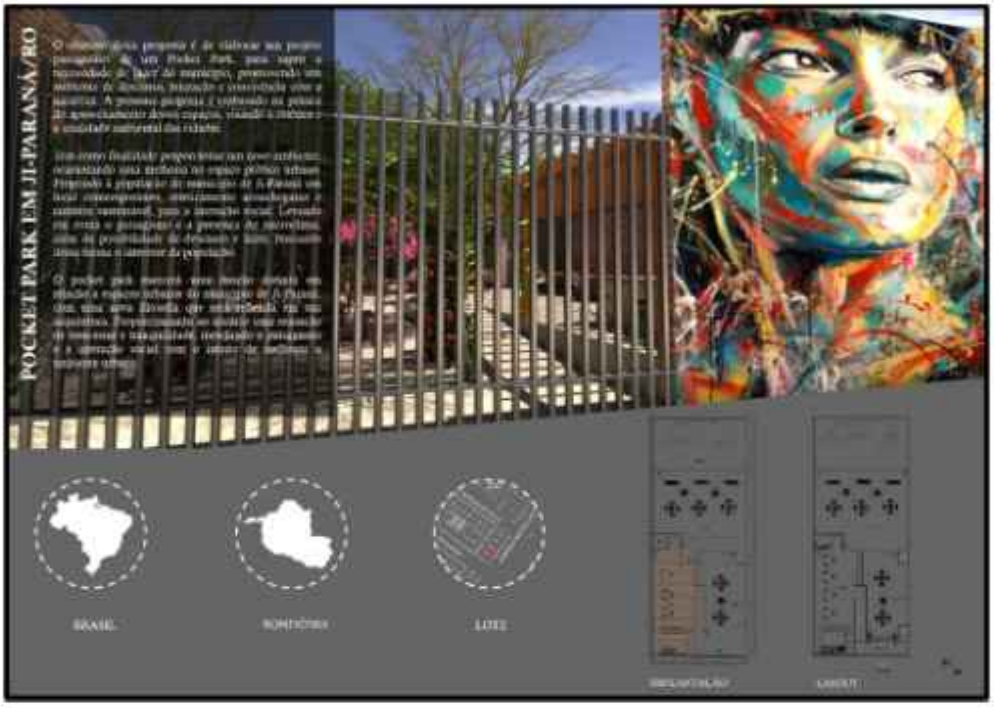
Esta planta produz flor o ano todo e pode ser encontrada em várias cores diferentes, cresce até 30 cm de altura e se adapta com sol pleno ou meia-sombra.

Figura 62 - Begônia Cerosa.

Fonte: Mercado livre, 2019.

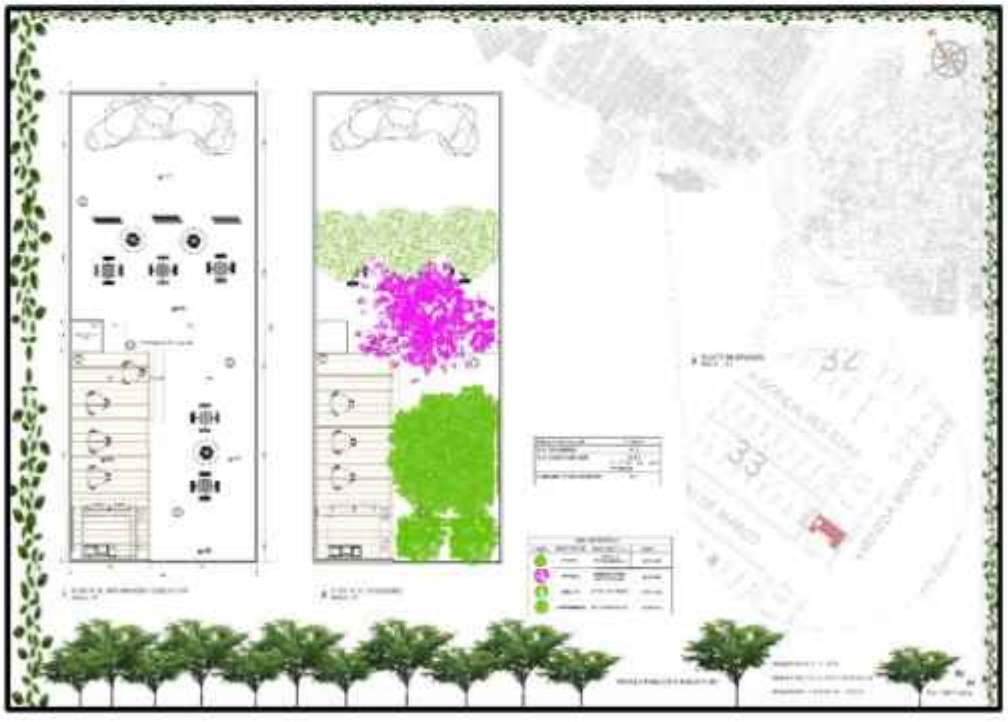
8. PROJETO

Figura 63 - Prancha Conceito.



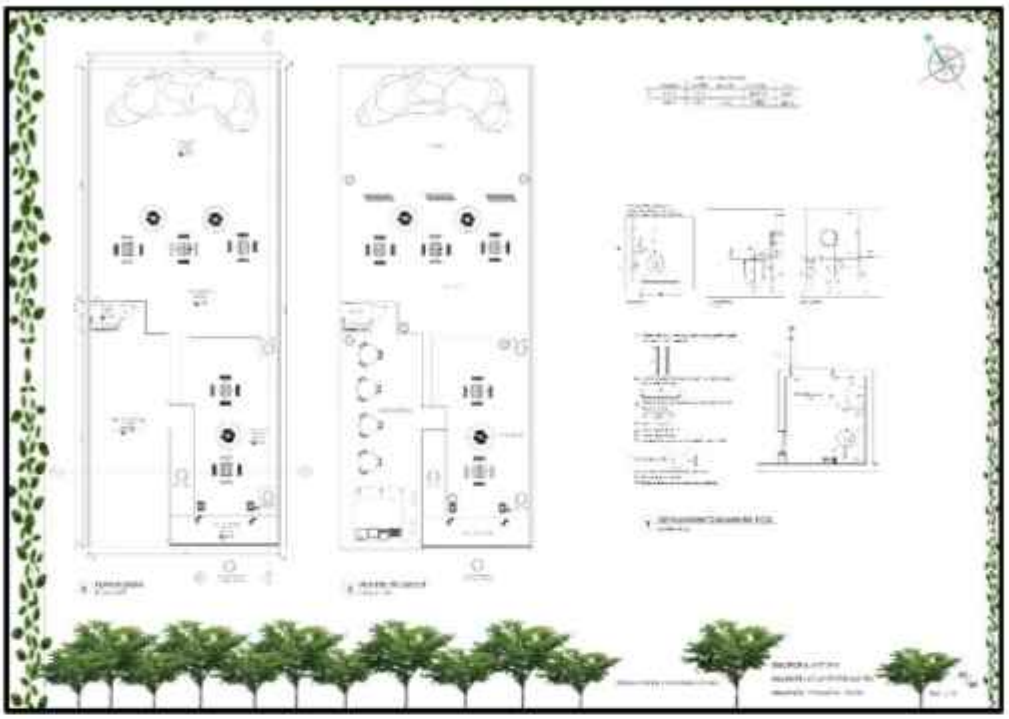
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Figura 64 - Prancha de Implantação, Situação e Paisagismo.



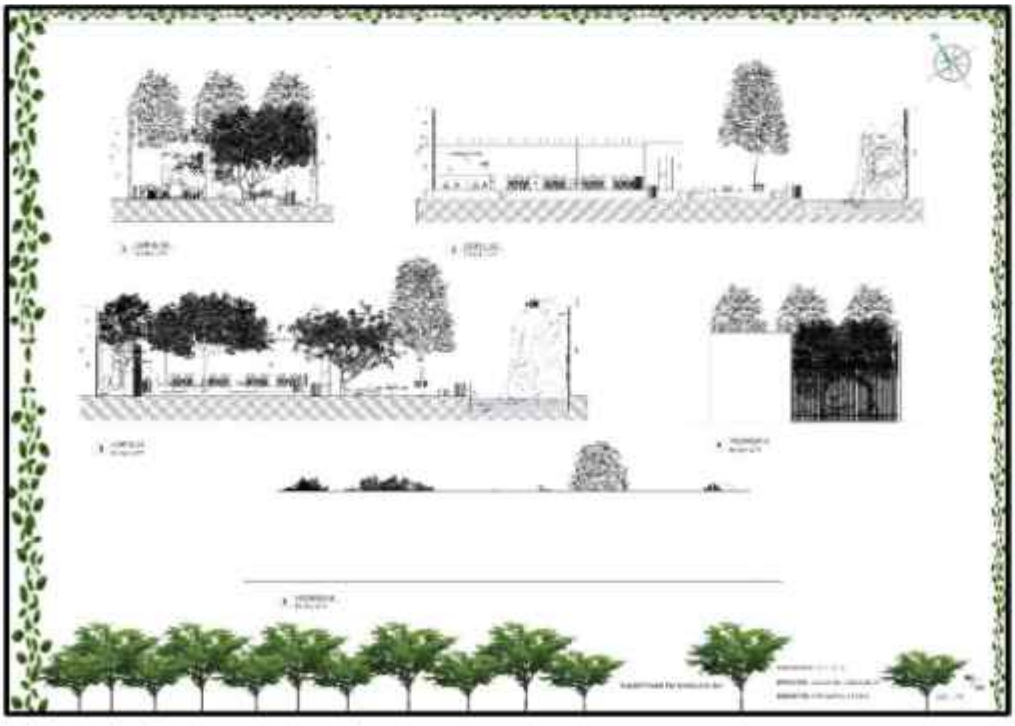
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Figura 65 - Planta Baixa e Layout.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Figura 66 - Prancha de Cortes e Fachadas.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Figura 67 - Prancha de Perspectivas.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Figura 68 - Fachada Frontal.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Figura 69 - Vista da Cafeteria.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Figura 70 - Vista da Cafeteria.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Figura 71 - Vista da Cafeteria.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Figura 72 - Vista da Praça de Alimentação.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Figura 73 - Vista da Praça Central.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Figura 74 - Vista da Praça Principal.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Figura 75 - Vista da Praça Principal.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

CONCLUSÃO

Com base no desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão, pode-se apontar as necessidades e a relevância da pesquisa através de fundamentações teóricas e procedimentos metodológicos para a determinação do projeto, que beneficiou nos atributos dos assuntos expostos e também influenciará diretamente na qualidade do resultado final.

Este projeto visa atender a população Devido ao fato de existir uma grande carência na cidade de Ji-Paraná de um espaço urbano que ofereça tranquilidade e contato com a natureza, observou-se a necessidade de criar um espaço tranquilo e relaxante para ler um livro ou encontrar com os amigos após um dia corrido de trabalho em meio à confusão do cotidiano de uma cidade.

Sendo assim, os conteúdos exibidos sobre o referente tema apresentaram o conhecimento e discernimento aprofundado sobre os assuntos tratados, a evolução dos espaços livres urbanos, com o estudo de jardins, praças, parques, até que cheguem aos pocket parks.

Assuntos foram citados a respeito dos pocket parks, seus benefícios e funções, gerando reflexão sobre a necessidade da sua existência na malha urbana. Compreendendo a importância desse tipo de intervenção pública que é a apropriação de espaços livres urbanos que não são utilizados, para a melhoria da qualidade de vida urbana, e também um novo método de lazer para a população.

O projeto a ser proposto exercerá uma função distinta em relação a espaços urbanos do município de Ji-Paraná, com uma nova filosofia que será refletida em sua arquitetura. Proporcionando ao usuário uma sensação de bem-estar e tranquilidade, mesclando o paisagismo e a interação social com o intuito de melhorar o ambiente urbano.

REFERÊNCIAS

AECWEB. O Portal da Arquitetura, Engenharia e Construção. **Telha termoacústica com núcleo isolante de EPS, PU ou lã de rocha.** 2018. Disponível em: < https://www.aecweb.com.br/emp/cont/m/telha-termoacustica-com-nucleo-isolante-de-eps-puou-la-de-rocha_39988_16172> Acesso em: 24 maio 2019.

ARAUJO, Ingrid. **São Paulo elabora projeto de criação de pequenos parques pela cidade.** 2014. Disponível em: <https://www.pensamentoverde.com.br/economia-verde/sao-paulo-elabora-projeto-de-criacao-de-pequenos-parques-pela-cidade/>. Acesso em: 21 mar. 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNIAS. **NBR 9050:2015 – Acessibilidade a edificações, mobiliários, espaços e equipamentos urbanos**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/arquivos/%5Bfield_generico_imagens-filefield-description%5D_24.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNIAS. **NBR 7678:1983 –Segurança na execução de obras e serviços de construção**. Rio de Janeiro, 1983. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/49006797/nbr-7678-1983-segurana-em-obras>. Acesso em: 29 mar. 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNIAS. **NBR 5626:1998 –Instalação predial de água fria**. Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <http://mz.pro.br/hidraulicapredial/08-NBR_5626_Agua_fria.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNIAS. **NBR 13532:1995 – Elaboração de projetos de edificações - Arquitetura**. Rio de Janeiro, 1995. Disponível em: <http://www2.unifap.br/arquitetura/files/2013/01/NBR-13532-Projeto-de-Arquitetura-.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNIAS. **NBR 6492:1994 – Representação de projetos de arquitetura**. Rio de Janeiro, 1994. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/albertojunior/disciplinas/nbr-6492-representacao-de-projetos-de-arquitetura>. Acesso em: 29 mar. 2019.

ÁREAS VERDES DAS CIDADES. **Parque Paley em Nova York – EUA**. 2015. Disponível em: <http://www.areasverdesdascidades.com.br/2015/09/parque-paley-em-novayork-estados-unidos.html>. Acesso em: 10 mar. 2019.

BARCELLOS, Daniel Camara. **Uma viagem pela história dos jardins**. 2018. Disponível em: <http://www.jardimdeflores.com.br/paisagismo/a05daniel.htm>. Acesso em: 10 mar. 2019.

BOECHAT, João Pedro. **Grennacre park.** 2015. Disponível em: < https://uffpais agismo.wordpress. com/2015/12/14/greenacre-park/> Acesso em: 10 mar. 2019.

_____. **Pocket park da rua amauri.** 2016. Disponível em: <https://uffpaisagismo.wordpress.com/2016/03/07/pocket-park-da-rua-amauri/>. Acesso em: 19 mar. 2019.

BRAGA, Marco Antônio. Curso Municipal de Recursos Paisagísticos, 2012. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/recursos_paisgisticos_1431454341.pdf>. Acesso em: 9 maio 2019.

BRANCO, Alice. **Samambaia:** Características e como cuidar. 10 Dicas! GREENME.com. br. Farei Bem a Terra. 2017. Disponível em: <https://www.greenme.com.br/morar/horta-ejardim/5792-samambaia-como-cuidar> Acesso em: 26 maio 2019.

BRASIL. 1965. Lei Federal n. 4.771, de 15 de setembro de 1965. **Código Florestal Brasileiro**. Diário Oficial da União (DOU). Brasília (DF). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L4771.htm>. Acesso em: 19 mar. 2019.

_____. 1979. Lei Federal n. 6.766, de 19 de dezembro de 1979. **Dispõe sobre parcelamento do solo urbano**. Diário Oficial da União (DOU). Brasília (DF). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6766.htm>. Acesso em: 19 mar. 2019.

_____. 1998. Lei Federal n. 9605, de 12 de fevereiro de 1998. **Lei de Crimes Ambientais (Lei da Vida).** Diário Oficial da União (DOU). Brasília (DF). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9605.htm>. Acesso em: 19 mar. 2019.

_____. 2000. Lei Federal nº 9.985 de 18 de julho de 2000. **Institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC)**. Diário Oficial da União (DOU). Brasília (DF). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/leis>. Acesso em: 19 mar. 2019.

_____. 2007. Lei Federal nº 11.445 de 5 de janeiro de 2007. **Estabelece as diretrizes nacionais para o saneamento básico**. Diário Oficial da União (DOU). Brasília (DF). Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Lei/L11445.htm>. Acesso em: 19 mar. 2019.

_____. **Código Civil Brasileiro e Legislação Correlata**. 2ª ed. Brasília, 2008.

_____. Lei nº 13.146 de 06 de Julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).** Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em: 28 abr. 2019.

CALENDER, Fany. **Nova York: uma experiência de desenho dos espaços livres urbanos.** Paisagem e Ambiente, São Paulo, n. 8, p. 25-46, dec. 1995. ISSN 2359-5361. Disponível em:<https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/133823/129691> . Acesso em: 5 maio 2019.

CAMILA, Karla. **Construção do Jardim Japonês é alvo de crítica**. Diário do Nordeste. 2009. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/construcao-dojardim-japones-e-alvo-de-critica-1.625996>. Acesso em: 29 abr. 2019.

CELIBERTO, Luísa. **6 parques gastronômicos em São Paulo para se deliciar com os melhores food trucks.** 2017. Disponível em: <https://www.obaoba.com.br/na-cidade/noticia/parques-gastronomicos-em-sao-paulo-para-se-deliciar-com-os-melhores-food-trucks>. Acesso em: 29 mar. 2019.

CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO DE GOIÁS – CAU/GO. 2013. Disponível em: < http://www.caugo.org.br/ >. Acesso em: 29 abr. 2019.

CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO - CAU/BR. **Arquitetura e Urbanismo Para Todos.** 2018. Disponível em: <http://arquiteturaurbanismotodos.org.br/paisagismo/>. Acesso em: 4 maio 2019.

CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE - CONAMA. Resolução nº 369 de 28 de março de 2006. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=489 >. Acesso em: 5 maio 2019.

CURTAMAIS. **Passeios/ Pontos Turísticos de Goiânia**. Bosque dos Buritis. 2015. Disponível em: <http://www.curtamais.com.br/goiania/bosque-dos-buritis >. Acesso em 29 abr. 2019.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. **Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.2, n.4, p.01- 13, Sem II. 2008.

DOCEOBRA. Casa e Construção. Paisagismo e Jardinagem. **Tipos de Palmeiras para Jardim:** Dicas e + de 40 ideias inspiradoras. 2018. Disponível em: <https://casaeconstrucao.org/paisagismo/tipos-de-palmeiras/ > Acesso em: 28 maio 2019.

ENCONTRA MOEMA. **Pocket Park Moema.** Disponível em: <https://www.encontramoema.com.br/sobre/pocket-park-moema/>. Acesso em: 29 mar. 2019.

FONTES, Nádia. **Proposta Metodológica Para Planejamento De Sistemas De Espaços Livres:** Ribeirão Preto – SP, 2009. Disponível em: <http://repositorio.unesp. br/handle/11449/104350?show=full>. Acesso em: 21 maio 2019.

FRANCO, Maria de Assunção Ribeiro. **Desenho Ambiental**. p. 20, 21, 26 e 27. São Paulo, 2008.

LIMNIOS, Giorgia e FURLAN, Sueli Ângelo. **Parques Urbanos no Município de São Paulo – Sp (Brasil): Espacialização e Demanda Social**. 2013. Revista LABVERDE n°6 – Artigo n°09. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revistalabverde/articl e/viewFile/61914/64744> . Acesso em: 20 maio 2019.

G1. **Conheça as opções de lazer de dez parques e bosques de Goiânia**. 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/goias/noticia/2011/10/conheca-opcoes-de-lazer-dedez-parques-e-bosques-de-goiania.html>. Acesso em: 29 abr. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIMENES, Renata. **Análise Histórico-Cultural, Paisagística e Quali-quantitativa dos Elementos Arquitetônicos da Praça Sete de Setembro, Ribeirão Preto, SP.** Jaboticabal/SP. Março, 2010.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais.** Revista de Administração de Empresas. São Paulo. 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br /pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2019.

GOMES, Junior. **Visite o Jardim Japonês em Fortaleza**. Diário do mochileiro. Fortaleza/CE. 2012. Disponível em: <http://diariodemochileiro.com.br/brasil-ceara-visite-ojardim-japones-em-fortaleza/>. Acesso em: 29 abr. 2019.

HANNES, Evy. **Espaços abertos e espaços livres: um estudo de tipologias**. 2015. Disponível em: <http://www.journals.usp.br/paam/article/view/100413/115688> Acesso em: 10 mar. 2019.

INSTITUTO MOBILIDADE VERDE. **Instituto Mobilidade Verde e Reud inauguram 1º Pocket Park na Rua Oscar Freire em São Paulo.** 2014. Disponível em: <https://institutomobilidadeverde.wordpress.com/2014/05/21/institutomobilidadeverde-e-reud-inauguram-1o-pocket-park-na-rua-oscar-freire-em sao-paulo/>. Acesso em: 10 mar. 2019.

JI-PARANÁ. Lei n° 18 de 05 de dezembro de 1983. Consolidada pela Lei 1227 de 06 de maio de 2003. Institui o Código de Obras do Município.

_____ . Lei n° 2187 de agosto de 2011. Dispõe sobre o desenvolvimento urbano no Município de Ji-Paraná, revisa e atualiza o Plano Diretor do Município e dá outras providências.

_____. LEI N.º 1113, DE 19 DE NOVEMBRO DE 2001. Dispõe sobre a Política Ambiental, o Sistema Municipal de Meio Ambiente e o Controle Ambiental no Município de Ji-Paraná e dá outras providências.

_____. LEI Nº 17 de 05 de dezembro de 1983. Consolidada pela Lei 1226 de 06 de maio de 2003. Institui o Código de Posturas do Município de Ji-Paraná.

JÚNIOR, Giovanni Salera. **ÁREAS VERDES DE GURUPI - TOCANTINS.** 2010. Disponível em: <http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/2501953.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2019.

KARAN, Dora. **Roberto Burle Marx - A história do Paisagismo Brasileiro**, 2002. Disponível em: <http://www.paisagismobrasil.com.br/index.php?system=news&news_id=539&action=read>. Acesso em: 10 maio 2019.

LIMA, Marina. **Origem do Paisagismo.** 2009. Disponível em: <http://www.paisagismo digital.com/Noticias/default.aspx?CodNot=12>. Acesso em: 8 maio 2019.

LIMA, Valéria. AMORIM, Margarete Cristiane de Costa Trindade. **A importância das áreas verdes para a qualidade ambiental das cidades.** Revista Formação, nº 13, 2006.

LOURENÇO, Thais. **Pocket Parks – Alterando Paisagens Urbanas.** 2012. Disponível em: <http://portalarquitetonico.com.br/pocket-parks/>. Acesso em: 10 mar. 2019.

LUCENA, Pierre. **Pocket Parks: por que não em Recife?** 2012. Disponível em: <http://acertodecontas.blog.br/atualidades/pocket-parks-por-que-nao-em-recife/>. Acesso em: 21 mar. 2019.

MALUF, Carmem Silvia. GONÇALVES, Tairine Érica Caixeta. **Pocket park: matriz de critérios para implantação**. 2015. Disponível em: <http://projedata.grupoprojetar.ufrn .br/dspace/bitstream/123456789/2054/1/C274.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2019.

MALUF, Renata Felizola. **Pocket Parks: Pontos de Respiro para a Metrópole.** 2014. Disponível em: <https://issuu.com/renatamaluf/docs/pocket_parks_-_pontos_de_ respiro_pa>. Acesso em: 10 mar. 2019.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do Lazer: uma Introdução**. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados. 2000, 100p.

OLIVEIRA, Lucimara Albieri. MASCARÓ, Juan José. **Análise da qualidade de vida urbana sob a ótica dos espaços públicos de lazer,** 2006. Disponível em <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/ambienteconstruido/article/view/3737/2090> Acesso em: 7 maio 2019.

MAYONE, Marco Antonio de Alencar. **Parques Urbanos - Origens, Conceitos, Projetos, Legislação e Custos de Implantação**, 2009. Disponível em: <http://docplayer.com.br/6462707-Parques-urbanos-origens-conceitos-projetoslegislacao-e-custos-de-implantacao-estudo-de-caso-parque-das-nacoes-indigenasde campo-grande-ms.html>. Acesso em: 12 maio 2019.

MUSSI, Andréa Quadrado; LIMA, Gabriela Fritzen de; BIESSEK, Daniele. **Pocket parks e animação urbana: uma alternativa para conferir função a terrenos subutilizados e urbanidade sustentável aos bairros.** 2016. Disponível em: <https://www.imed.edu.br/Uploads/5_SICS_paper_102.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2019.

NETTO, Antônio. **História dos Jardins**. Slide Share. 2016. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/ANTONIONETTO5/historia-dos-jardins>. Acesso em: 10 mar. 2019.

NYC PARKS. **Septuagésimo Uno.** 2019. Disponível em: <https://www.nycgovparks .org/parks/septuagesimo-uno/history>. Acesso em: 05 maio 2019.

CONRADO PAISAGISMO. **Evolução do Jardim – da Pré-História ao Renascimento.** 2014. Disponível em: <http://conradopaisagismo.com.br/index.php /evolucao-do-jardim-da-pre-historia-ao-renascimento/>. Acesso em: 10 mar. 2019.

PAGNONCELLI, Hermínio Antonio. **Pocket Park em Curitiba.** 2012. Disponível em: <https://issuu.com/herminio.ap/docs/pocket_park_em_curitiba__herminio_pagnoncell i>. Acesso em: 19 mar. 2019.

PATRO, Raquel. **Pinheiro-de-buda – Podocarpus macrophyllus**. Jardineiro.net. 2013. Disponível em: <https://www.jardineiro.net/plantas/pinheiro-de-buda-podoca rpusmacrophyllus.html > Acesso em: 28 maio 2019.

_____. **Unha-de-gato – Ficus pumila.** Jardineiro.net. 2014. Disponível em: <https://www.jardineiro.net/plantas/unha-de-gato-ficus-pumila.html > Acesso em: 29 maio 2019.

PEREIRA, Matheus. **'Pocket Parks': uma alternativa para quantidade de espaços abertos de uso público**. São Paulo. 2017. Disponível em: <https://saopaulosao.c om.br/nossos-caminhos/3165-pocket-parks-uma-alternativa-paraaumentar-a-quanti dade-de-espacos-abertos-de-uso-publico.html#>. Acesso em: 29 mar. 2019.

PERLOFF, H.S. **La Calidad del Medio Ambiente Urbano**. Versão para castelhano por F.Miguella Rubió.1 ed. Barcelona: Oikos-tau,1973. p.9-41.

PIVETTA, K.F.L. SILVA FILHO, D.F. 2002. **Arborização Urbana - Boletim Acadêmico (Série Arborização Urbana)**. UNESP/FCAV/FUNEP. Jaboticabal (SP). 74p. Disponível em: <http://www.uesb.br/flower/alunos/pdfs/arborizacao_urbana %20Khatia.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2019.

PRADO, Flávia de O. M. SANT'ANNA, Camila G. **Espaços públicos: um respiro verdejante em meio à malha urbana**. 2015. Disponível em: <http://www.pucrs .br/eventos/espacospublicos/downloads/064_C.pdf> Acesso em: 10 mar. 2019.

PROCESS ARCHITECTURE. **Pocket Parks, Tóquio-Japão: Process Architecture Publishing, n. 78.** 1988.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: Método e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico.** 2ª ed. Universidade FEEVALE. Novo Hamburgo - Rio Grande do Sul, 2013.

PROGRAMA CIDADES SUSTENTÁVEIS. **Planejamento e Desenho Urbano**. Definição. O que entendemos por planejamento e desenho urbano. 2018. Disponível em: <http://www.cidadessustentaveis.org.br/gps/eixos/planejamento-e-desenhourban o/definicao >. Acesso em: 5 maio 2019.

RAUPP, Fabiano Maury e BEUREN, Ilse Maria. **Metodologia da Pesquisa Aplicável às Ciências Sociais.** Como Elaborar Trabalhos Monográficos em Contabilidade. São Paulo. 2006. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/33863767/metodologia_de_pesquisa_aplicavel_as_ciencias_sociais.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1521950573&Signature=gAakNJx5vFUHbSuN2wsGZQOaUZY%3D&responsecontentdisposition=inline%3B%20filename%3DMetodologia_de_pesquisa_aplicavel_as_cie.pdf.>. Acesso em: 26 mar. 2019.

Revista Tempo Verde. **A arte do paisagismo a serviço do homem.** 2002. Disponível em: <http://www.paisagismobrasil.com.br/index.php?system=news&news_id=497&action=read>. Acesso em: 8 maio 2019.

RICHTER, G. **Handbuch Stadtgrun**. Munique/Viena/Zurique.BLV. 1981. 319 p.

RODRIGUES, Willian Costa. **Metodologia Científica.** FAETEC/IST. Paracambi, 2007. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/33851445/metodologia_cientifica.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1521952823&Signature=vkX3hq4a2hgrsxyPQJ7weFct4cY%3D&response-contentdisposition=inline%3B%20filename%3DMetodologia_Cientifica_Conceitos_e_Defin.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2019.

RONDÔNIA. SEDAM/RO, **Sistema Estadual de Desenvolvimento Ambiental de Rondônia**, Lei n. 547 de dezembro de 1993.

_____. CBM/RO, **Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Rondônia**, Lei n. 3924 de 17 de outubro de 2016. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=329895>. Acesso em: 30 mar. 2019.

_____. **Lei nº 3.686 de 08 de dezembro de 2015.** Disponível em: <http://extwprlegs1.fao.org/docs/pdf/bra150425.pdf>. Acesso em: 9 maio 2019.

SATO, Marissol Yuka. **Espaços corporativos e apropriação: novas áreas livres na metrópole paulistana.** Paisagem e Ambiente, São Paulo, n. 24, p. 259-266, dec. 2007. ISSN 2359-5361. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/86290/88956>. Acesso em: 21 mar. 2019.

SASAKI. **Parque Greenacre**. Fundação Grenacre/Nova York,NY. 2018. Disponível em: <http://www.sasaki.com/project/111/greenacre-park/ > Acesso em: 15 maio 2019.

SCALISE, Walnyce de Oliveira. **Apostila de Paisagismo da Universidade de Marília (UNIMAR).** 2010. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=12&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjh8v2Xmr3PAhUHE5AKHdBEAAY4ChAWCCIwAQ&url=http%3A%2F%2Fwww.scalise.com.br%2Fwalnyce%2Fpaisagismo%2Fapostilapaisagismo.doc&usg=AFQjCNFmeJw4P01GKelxdn0Ypqyzx121A&sig2=oP2AHAVkVUKBfUMxD-wc-g&bvm=bv.134495766,d.Y2I>. Acesso em: 8 maio 2019.

SILVA, Alessandra Teixeira. **História do Paisagismo no Brasil**, 2009. Disponível em: <http://www.lavras24horas.com.br/portal/historia-do-paisagismo-no-brasil/>. Acesso em: 8 maio 2019.

THE CULTURAL LANDSCAPE FOUNDATION. **Greenacre Park**. 2012. Disponível em: <https://tclf.org/landscapes/greenacre-park?destination=search-results>. Acesso em: 05 maio 2019.

_____. **John F. Collins Park.** 2012. Disponível em: <http://tclf.org/landscapes/john-f-collins-park>. Acesso em: 21 mar. 2019.

_____. **Paley Park**, 2012. Disponível em: <http://tclf.org/landscapes/paley-park?destination=search-results>. Acesso em: 21 mar. 2019.

_____. **Waterfall Garden.** 2012. Disponível em: <http://tclf.org/landscapes/waterfall-garden?destination=search-results>. Acesso em: 21 mar. 2019.

TODA MATÉRIA. **Método Dedutivo**. 2017. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/metodo-dedutivo/ >. Acesso em: 8 maio 2019.

VAINSENCHER, Semira Adler. **Praça da Casa Forte**, 2016. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&id=59>. Acesso em: 12 maio 2019.

VIERO, Verônica Crestani. FILHO, Luiz Carlos Barbosa. **Praças Públicas:** Origem, Conceitos e Funções. Jornada de Pesquisa e Extensão. ULBRA Santa Maria. 2009. Disponível em: < http://www.ceap.br/material/MAT1511201011414.pdf > Acesso em: 5 maio 2019.

WEINFELD, Isay. **Praça Amauri.** 2002. Disponível em: <http://isayweinfeld.com/projects/praca-da-amauri/>. Acesso em: 19 mar. 2019.

WEISHOF, Noah. **Pocket park: um olhar sobre o vazio esquecido**. 2015. Disponível em: <http://www.pucrs.br/eventos/espacospublicos/downloads/120_B.pdf >. Acesso em: 10 mar. 2019.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. 5ª edição. Bookman Editora. 2015.

APÊNDICE

1. TEMA

Arquitetura Paisagística:
Pocket park em Ji-Paraná/RO.

2.OBJETIVOS

2.1. Problematização

De que forma pode-se aproveitar lotes desocupados na área urbana da cidade para oferecer um equipamento de lazer a comunidade?

2.2. Delimitação

Desenvolver um POCKET PARK para promover descanso e relaxamento em Ji-Paraná/RO.

2.3. Objetivo Geral

Elaborar um projeto contemporâneo e funcional de um POCKET PARK na área central da cidade, com o uso de materiais sustentáveis e acessíveis, propondo um ambiente de entretenimento e lazer para a população.

2.4. Objetivos Específicos

- Propor o uso de materiais sustentáveis e acessíveis, com a utilização de pallets, madeiras de demolição e entre outros;
- Oferecer uma área de entretenimento, lazer e descanso de qualidade;
- Projetar um ambiente que permita a população interagir com a natureza tendo diversidade de arborização para proporcionar o conforto térmico para os visitantes;
- Elaborar um ambiente acessível;
- Propor uma área de alimentação.

3.JUSTIFICATIVA

Com o desenvolvimento acelerado das cidades acabam sobrando pequenos espaços entre as construções da qual não possuem uma função, com isso torna-se relevante pensar em uma eficaz solução para esse problema encontrado não só em metrópoles como também em pequenas cidades.

A proposta pra solucionar esse problema seria projetar um pocket park público, pois este não se limita apenas à arquitetura e paisagismo, mas também propõe uma melhoria na estética da cidade. O local será projetado para atrair a atenção daqueles que estiverem de passagem convidando-os a entrarem para usufruir do ambiente, pois além de ser intimista para aqueles que procuram um pouco de paz no meio urbano, será também social para interagir entre família e amigos.

4.TEORIA DE BASE

4.1. Histórico e evolução

4.1.1. Internacionais

O espaço público é considerado o palco da cidadania, da movimentação urbana de uma cidade. O enfrentamento negativo do uso frenético do espaço público é uma das chaves para o conjunto de fatos e ações, que podem culminar em mudanças significativas na utilização do espaço e na dinâmica urbana, com repercussão que vão além do entorno imediato, com efeitos benéficos para toda a cidade. Um dos desafios do urbanismo contemporâneo é manter a atuação benéfica que os atores sociais podem exercer na qualificação e produção do espaço urbano (MUSSI; LIMA, BIESSEK, 2016).

Conforme Hannes (2016, p. 123) apud Mussi, Lima e Biessek (2016), espaço público é "todo espaço onde se dão as relações da sociedade, o convívio público; todo espaço onde as pessoas se encontram, onde acontecem as manifestações coletivas humanas". Sendo assim, os espaços públicos representam o encontro, a interação, o convívio entre as pessoas, as trocas, a humanização da cidade, a sustentabilidade social.

Espaços livres urbanos podem ser públicos ou privados. De acordo com Queiroga (2011) apud Maluf e Gonçalves (2015), os espaços livres privados são aqueles introduzidos nas áreas particulares, como fundo de lotes, estacionamentos, jardins frontais, quintais, terrenos baldios que possuírem proprietários, entre outros. E dentre os espaços livres públicos estão às praças, os parques, os bosques, calçadões, sendo prevalecentes, as ruas e o passeio público.

Os objetivos centrais desses espaços livres são propor melhoria para a malha urbana, repensando na funcionalidade e conforto ambiental dessa área, estimulando novos usos de apropriação de pedestres e também conceituar o desenho urbano das cidades (PRADO e SANT'ANNA, 2015).

De acordo com Netto (2016) "Jardim é um terreno onde se cultivam plantas ornamentais, úteis ou para o estudo, é também uma obra de arte, com elementos vivos e inertes, no qual o homem procura, nos momentos de lazer, um contato com a natureza". Pode- se observar que durante toda a história que existem transformações e adequações, da qual certamente estão caracterizadas com os estilos de cada época e à cultura da região em que se encontra.

A história sobre os jardins aconteceu entre o rio Tigre e Eufrates, onde os assírios dominavam a técnica de irrigação e drenagem para as suas hortas e pomares por canais com a água do rio que se cruzavam, assim irrigando suas plantas ali cultivadas. Infelizmente teve fim com a invasão árabe, assim fizeram uma forma de distribuição e repartimento das hortas com uma espécie de muro vegetal (BARCELOS, 2018).

Conforme Netto (2016) "Os textos mais antigos sobre jardins datam do terceiro milênio a.C., escritos pelos babilônicos, descrevendo os "jardins sagrados", onde os bosques sagrados eram plantados sobre os zigurates" um tipo de estrutura de pedra maciça construído na antiga Mesopotâmia.

E é na Mesopotâmia onde se encontra o paisagismo da época, uma das obras mais marcantes, se tratando de jardins e considerada uma das maravilhas do mundo: os Jardins Suspensos da Babilônia, onde se encontrava os elementos arquitetônicos juntos com os elementos naturais, o paisagismo (CONRADO PAISAGISMO, 2014).

Frequentemente surgem novas ideias de apropriação desses espaços, um dos mais recentes são os pockets parks, traduzido do inglês "parques de bolso", que são resumidamente "miniparques". Estes exercem função de parque, porém de forma mais intimista, contemporânea e funcional, de modo que atraia e seja acessível para toda a população. Os pocket parks são o mais recente grupo que compõe o "sistema de espaços livres públicos". É um estilo totalmente novo, comparado às praças e parques, por isso não existem estudos complexos a respeito dessa temática (WEISHOF, 2015).

Os pocket parks foram criados em Nova Iorque, em 1960, por intervenção da corporação "Park Association of New York", destacando o Paley Park, que foi desenhado pelo arquiteto Robert Zion e implantado em 1967, próximo a 5º Avenida, onde anteriormente se localizava uma discoteca, passou a ter lugar o Paley Park, um **memorial para o pai falecido** do então presidente da CBS, Wiliian Paley (WEISHOF, 2015).

Paley, definido como um "pocket park" por Thomas Hoving, que criou esse conceito tem apenas 390 m² e fica localizado em plena Manhattan, sendo cercado por arranha-céus e um refúgio de imagens e de sons da vida urbana. Foi inaugurado em 23 de maio de 1967, passando por uma reforma em 1999, tornando-o também acessível às pessoas com necessidades especiais (ÁREAS VERDES DAS CIDADES, 2015).

O Paley Park concebeu outros pocket parks, como o Greenacre Park que foi projetado pelo arquiteto estadunidense Hideo Sasaki e implantado em 1971, em um pequeno lote de 18x36 metros quadrados (LOURENÇO, 2012).

O Greenacre Park é um belo refúgio do ruído e da ansiedade que envolve a cidade de Nova Iorque. Projetado por Sasaki, Dawson, DeMay Associates com Masao Kinoshita como designer principal e Hideo Sasaki e Tom Wirth envolvidos, o Greenacre Park abriu em 1971 como um "parque de bolso de colete" financiado e mantido privadamente pela Fundação Greenacre da Abby Rockefeller Mauze (THE CULTURAL LANDSCAPE FOUNDATION, 2012).

Assim como o Paley Park, este também conta com uma cachoeira que abafa o som da cidade e propõe uma melhoria no conforto sonoro do ambiente. O ambiente possui um café e as múltiplas escolhas transformam um espaço de descansar em uma praça altamente dinâmica pela multiplicidade de potenciais (BOECHAT, 2015).

4.1.2. Nacional

Os pocket park é um assunto recente e muito limitado no Brasil, os poucos existentes estão localizados na cidade de São Paulo. Por ser uma proposta muito nova no mercado ainda não foi disseminada pelo resto do país, assim acaba causando receio no poder público em seu investimento. De acordo com Maluf (2014), apenas São Paulo tem potencialidade para estruturas como

essas, e que o novo Plano Diretor da Cidade promove a implantação desses ambientes (INSTITUTO MOBILIDADE VERDE, 2014).

A Praça Amauri, a pioneira na categoria pocket park no Brasil foi criada por Isay Weinfeld em 2002. É um espaço a céu aberto de 210 m², delimitado por dois edifícios e duas ruas, e localizado numa área de uso misto – residencial e comercial – de São Paulo. A entrada dá-se pela Rua Amauri, uma via ocupada quase exclusivamente por restaurantes (WEINFELD, 2002).

Situada ao nível da rua, quase como uma extensão da calçada, a praça é bastante convidativa ao pedestre e tem, ao fundo, uma pequena construção a conter um café, toaletes e um pequeno depósito. A praça foi pensada como um lugar para o descanso, onde se pode sentar ao ar livre para um café, um lanche ou um tempo longe do caos. É ainda um local para se encontrar amigos, bater um papo ou até jogar xadrez – aproveitando que os tampos das mesas espalhadas pela praça estampam tabuleiros de jogos, e que as peças são fornecidas pelo próprio café (WEINFELD, 2002).

Fios de água escorrem sobre as paredes laterais da praça, pavimentada com peças de granito em lasca. Ipês amarelos completam a paisagem. Aberta diariamente a partir das 8:00 h, a Praça da Amauri permanece movimentada até a meia-noite, quando portões são erguidos, mantendo o espaço fechado até a manhã seguinte (WEINFELD, 2002).

> Segundo Weinfeld (2002) quando um jovem empreendedor paulistano nos procurou para o projeto de um novo restaurante, nós avaliamos o local e propusemos a ele algo diferente: que ao invés de construir um restaurante, ele transformasse o terreno numa pequena praça, um 'pocket park', e o oferecesse à cidade. Ele concordou, e assim surgiu a Praça da Amauri.

4.2. Opinião de autores selecionados

4.2.1. Autores internacionais

No Japão, a renovação do distrito de Shinjuku, em Tóquio, desde os anos 70, determinou o surgimento de diversos pocket parks artificiais. Oferecidos como espaços livres na base de arranha-céus, surgem sob orientação administrativa de empreendedores, ao invés de troca de benefícios por meio de instrumentos de legislação urbana (SATO, 2007, p. 264).

Segundo a revista The Cultural Landscape Foundation (2012). Pequenos parques, frequentemente menos de três hectares, inseridos em espaços intersticiais para proporcionar uma experiência de espaço aberto de descanso da cidade. Os elementos de design incluem superfícies duras, móveis, recursos de água para inibir o ruído da cidade e exibições em vasos de plantações anuais. Alguns são de propriedade privada e são conduzidos por fundações que os abrem para o público por horas designadas.

Richter (1981) afirma que "o total dos espaços livres de uma cidade, de certa forma, é a somatória dos diversos elementos verdes e diferentes espaços livres isolados em assentamentos urbano-industriais e devem ser designados por Verde Urbano. Incluindo o sistema de espaços livres, tanto os públicos, como os particulares".

A revista Process Architecture (1988) apresenta o fato do pocket park como a adaptação de um conceito de espaço que sempre existiu na ocupação humana para os densos centros urbanos. Esses pequenos oásis apareceram para suprir a necessidade das pessoas de terem locais íntimos e acolhedores nas cidades.

Para Perloff (1973, p. 5) "A qualidade do meio ambiente no qual a pessoa vive, trabalha e se diverte, influi consideravelmente na própria qualidade de vida. O meio ambiente pode ser satisfatório e atrativo e permitir o desenvolvimento individual, e pode ser nocivo, irritante e atrofiante".

4.2.2. Autores nacionais

Pocket park não possui uma metragem exata, a área em questão pode ser construída em 300 m², como mais de mil (ARAUJO, 2014).

As "Áreas Verdes Urbanas" têm a função de proporcionar melhorias no ambiente das cidades e assim contribuir para o bem-estar da população (JÚNIOR, 2010).

De acordo com Pivetta e Silva Filho (2002), "a vegetação urbana desempenha funções muito importantes nas cidades. As árvores, por suas características naturais, proporcionam muitas vantagens ao homem que vive na cidade, sob vários aspectos".

O conceito dos pocket parks é precisamente este: são pequenas praças, situadas próximos a áreas povoadas, com um padrão de paisagismo muito acima da média (LUCENA, 2012).

Os espaços construídos, preservados e revitalizados tem um papel importante para uma vivência mais rica da cidade, dissolvendo a monotonia, estabelecendo pontos de referência e vínculos afetivos. Além disso podendo até aumentar o seu potencial turístico (MARCELLINO, 2000, p. 28).

4.3. Legislações

4.3.1. Municipais

Código de obras (JI-PARANÁ, 2003)

- "Art. 224. Os compartimentos não-habitáveis obedecerão às seguintes condições, quanto a dimensões mínimas:
  - Cozinhas e copas: Área m² =4,00. Altura m =2,40. Dimensão mínima m= 1,60. Largura dos vãos de acesso m= 0,80.

- ❖ Banheiros: Área m² =3,00. Altura m =2,40. Dimensão mínima m= 1,30. Largura dos vãos de acesso m= 0,60.
- ❖ Lavatórios e inst. sanitárias: Área m² =1,20. Altura m =2,40. Dimensão mínima m= 0,80. Largura dos vãos de acesso m= 0,60.
- ❖ Área de serviço coberta: Área m² =2,00. Altura m =2,40. Dimensão mínima m= 0,80. Largura dos vãos de acesso m= 0,70".

Plano diretor (JI-PARANÁ, 2011)

- ➢ "Art. 24. São objetivos da política de Áreas Públicas:
  - ❖ III - prever a integração dos espaços públicos com o entorno, promovendo, os tratamentos urbanísticos e de infraestrutura adequada.
  - ❖ IV - Otimizar o uso das áreas públicas para cumprimento das funções sociais;
  - ❖ V - Criar espaços destinados a atividades de associações, e cultura popular".
- ➢ "Art. 59. O Sistema de Áreas Verdes do Município é constituído pelo conjunto de espaços significativos ajardinados e arborizados, de propriedade pública ou privada".

Código ambiental (JI-PARANÁ, 2001)

- ➢ "Art. 1º - Este Código, regula a preservação, conservação, defesa, melhoria, recuperação e controle do meio ambiente ecologicamente equilibrado".

Código de postura (JI-PARANÁ, 2003)

- ➢ "Art. 1º. sobre a utilização do espaço do Município, a higiene pública, o bem-estar público".
  - ❖ ABNT NBR 9050 – acessibilidade
  - ❖ "10.13 Parques, praças e locais turísticos

- 10.13.1 Parques, praças e locais turísticos que possuam pavimentação, devem ser dotados de rotas acessíveis" (BRASIL, 2015, p 135).

4.3.2. Estaduais

- SEDAM/RO (Sistema Estadual de Desenvolvimento Ambiental de Rondônia) Lei nº 547 (RONDÔNIA, 1993).

  - O sistema determina e controla a qualidade do Meio Ambiente, e define a política do desenvolvimento ambiental do Estado de Rondônia. As medidas tomadas pelos órgãos do meio ambiente são empregadas conforme os limites determinados pela legislação federal ou as Resoluções do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA). É obrigatória a ordenação e aproveitamento do solo, da água e do ar, preservando e melhorando a qualidade ambiental, sendo assim proibida a projeção ou derramamento de poluentes nesses locais (RONDÔNIA, 1993).

- Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Rondônia Lei 3924 (RONDÔNIA, 2016).

  - Art. 1º. No projeto deve conter a aprovação, sobre segurança contra pânico e incêndio do estado.
  - Art. 4º. Os documentos do CBM/RO são obrigatórios para regularização de alvarás, licenciamentos, habite-se, tendo em vista a proteção contra incêndio e pânico.
  - Art. 5º. As definições regulamentadas nesta Lei seguirão as medidas de segurança contra incêndio e pânico.
  - Art. 6º. Consta a prevenção contra incêndio e pânico exigidas no regulamento e nas IT's para edificações e áreas de risco.

4.3.3. Federais

- A Lei Federal n° 9605 (BRASIL, 1998), conhecida como Lei da Vida, traz:

- Art. 49. Destruir, danificar, lesar ou maltratar, por qualquer modo ou meio, plantas de ornamentação de logradouros públicos ou em propriedade privada alheia:
  - Pena - detenção, de três meses a um ano, ou multa, ou ambas as penas cumulativamente. Parágrafo único. No crime culposo, a pena é de um a seis meses, ou multa.

- O Código Florestal Brasileiro - Lei Federal nº 4771 (BRASIL, 1965), apresenta no seu artigo 7°:
  - "Qualquer árvore poderá ser declarada imune de corte, mediante ato do Poder Público, por motivo de sua localização, raridade, beleza ou condição de porta sementes".

- Lei 11.445 (BRASIL, 2007) - Estabelece a Política Nacional de Saneamento Básico - Aborda todos os setores do saneamento (drenagem urbana, abastecimento de água, esgotamento sanitário e resíduos sólidos).

- Lei 6.766 (BRASIL, 1979) - Lei do Parcelamento do Solo Urbano – Estabelece regras para loteamentos urbanos, proibidos em áreas de preservação ecológicas, onde a poluição apresenta perigo à saúde e em terras alagadiças.

- Lei 9.985 (BRASIL, 2000) - Institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – Entre seus objetivos estão a conservação de múltiplas espécies biológicas e dos recursos genéticos, a preservação e restauração da diversidade de ecossistemas e promove o desenvolvimento sustentável a partir dos recursos naturais.

4.3.4 Normas Técnicas

- NBR 9050 (ABNT, 2015) – Acessibilidade a Edificações, Mobiliário, Espaços e Equipamento Urbanos.

  - Segundo a NBR 9050: (2015), 6.3 Circulação – Piso
  - A circulação pode ser horizontal e vertical. Por escadas, rampas ou Equipamentos eletromecânicos (ABNT, 2015).
  - 6.9.4.2 "Em escadas e degraus é permitida a instalação de apenas um corrimão duplo e com duas alturas, a 0,92 m e a 0,70 m do piso, respeitando a largura mínima de 1,20 m, em ambos os lados" (ABNT, 2015).

- NBR 7678 (ABNT, 1983) – Segurança na execução de obras e serviços de construção.

  - Estipula condições exigíveis de segurança e higiene em obras e os procedimentos e medidas, individual e/ou coletivo, para execução de tarefas específicas na prevenção de acidentes do trabalho.

- NBR 5626 (ABNT, 1998) – Instalação predial de água fria.

  - Estabelece exigências e recomendações relacionadas ao projeto, execução e manutenção das instalações. Aponta o resguardo à segurança sanitária e o desempenho da instalação.

- NBR 13532 (ABNT, 1995) – Elaboração de projetos de edificações – Arquitetura.

  - Fixa as condições exigíveis para a elaboração de projetos arquitetônicos em relação a construção de edificações. É aplicável a todas as categorias de construção.

- NBR 6492 (ABNT, 1994) – Representação de projetos de arquitetura.

- Para uma boa compreensão projetual, esta norma propõe condições exigíveis para a representação gráfica dos projetos arquitetônicos.

4.4. Referência de Obras Arquitetônicas.

4.4.1. Internacionais

- Paley Park, Nova York

O primeiro pocket park do mundo está localizado próximo à 5ª avenida, em Manhattan, envolvendo uma área de 390 m² (FIGURA 1). Seu projeto foi executado por mediação da corporação "Park Association of New York" e a pedido do ex-presidente da CBS, Willian Paley, como forma de memorial ao seu pai (ÁREAS VERDES DAS CIDADES, 2015).

Foi desenhado pelo arquiteto Robert Zion e implantado em 1967. Se trata de um pequeno espaço, um lugar de descanso, um canto cheio de vida em meio a uma natureza projetada para relaxar no meio da confusão das grandes cidades (FIGURA 2) (WEISHOF, 2015).

Figura 1 - Paley Park New York.

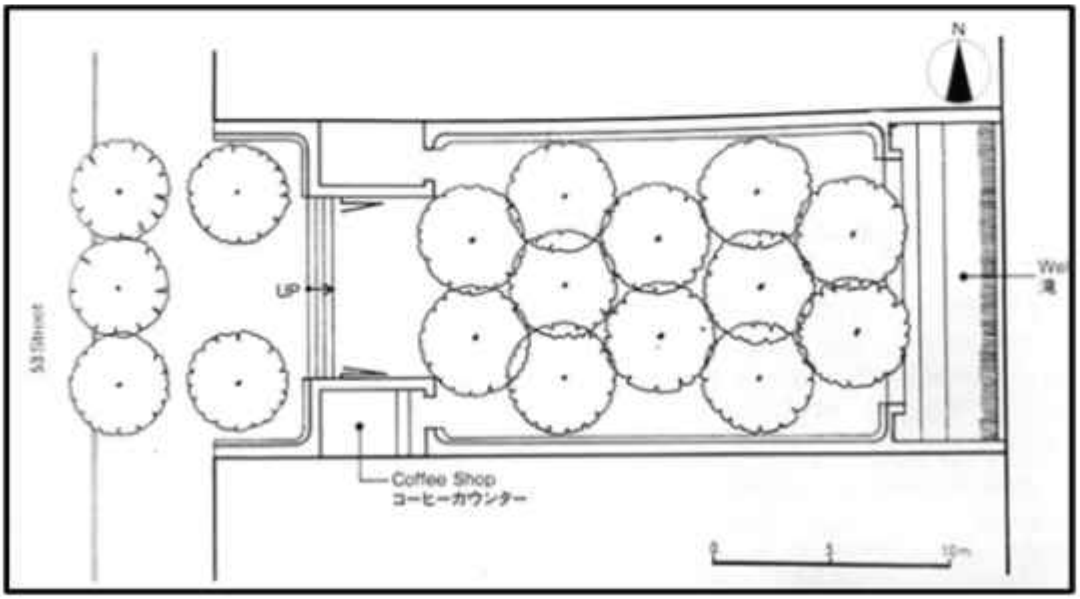
Fonte: The Sound Adventure, 2014.

Figura 2 - Paley Park New York.

Fonte: Outdoor Project, 2016.

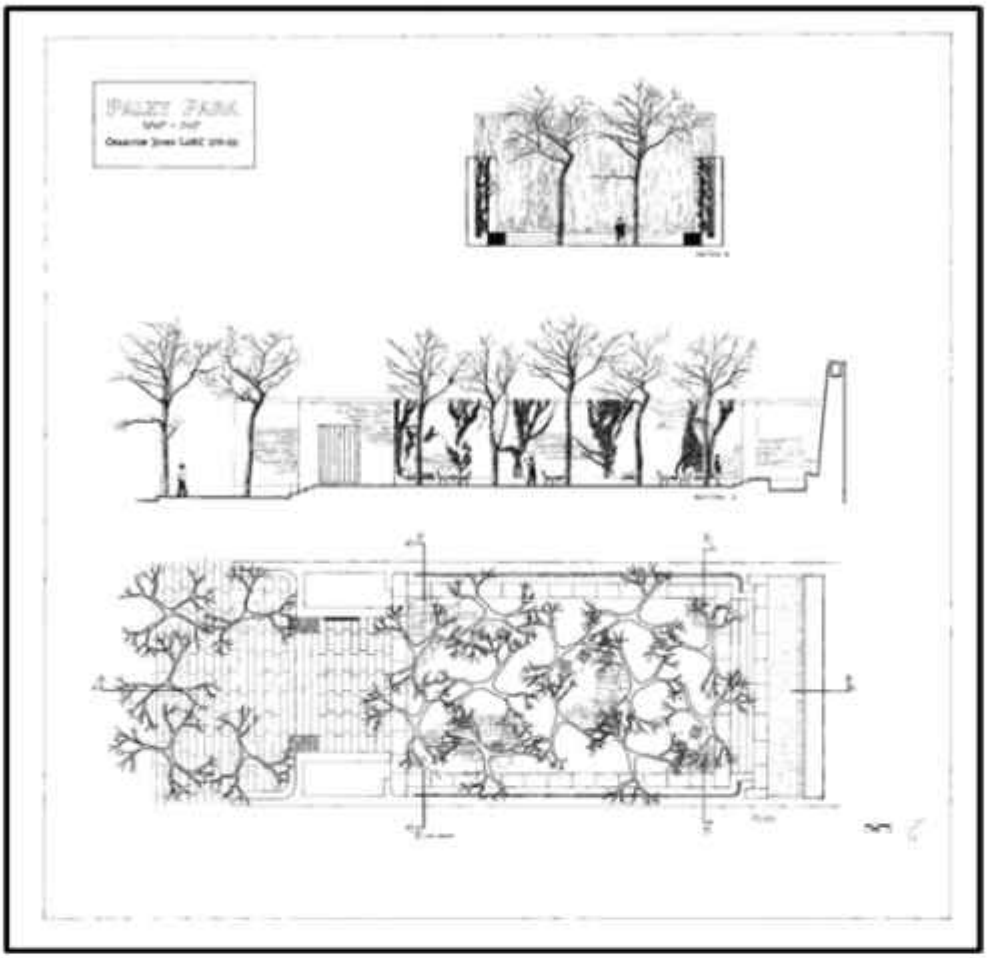
O local onde o pocket park seria inserido havia um edifício de sete andares, onde se localizava o Stork Club, uma casa noturna de Nova York, que funcionou ali por cerca de 35 anos. Serviu até mesmo como cenário para o filme The Wrong Man (1956). Paley o escolheu pela proximidade com a sede da CBS, e por suas dimensões (12,8m X 30,5), que batia com o conceito que Zion havia desenvolvido de pequenos parques entre edifícios (FIGURA 3 e 4) (TATE, 2001 apud PAGNONCELLI, 2012).

Figura 3 - Planta baixa do Paley Park.



Fonte: Pinterest, 2013.

Figura 4 - Planta baixa e elevações do Paley Park.



Fonte: Pinterest, 2019.

- Waterfall Garden

Localizado em Seattle, o pocket park privado foi concluído em 1978. O projeto foi elaborado por Masao Kinoshita do escritório Sasaki, que também projetou o Greenacre Park e administrado pela Fundação Annie E. Casey, foi criado para comemorar o local de nascimento do United Parcel Service (UPS), que tem como fundador Jim Casey e seus irmãos em homenagem a sua mãe (THE CULTURAL LANDSCAPE FOUNDATION, 2012).

Seu design é uma tradução moderna de um jardim japonês, chamado de Jardim Cachoeira, por ter a cascata de pedras de granitos naturais que possui 6 metros de altura como característica principal (FIGURA 5). Ele é visualmente aberto dos dois lados por meio de um cerca de ferro simples (THE CULTURAL LANDSCAPE FOUNDATION, 2012).

Figura 5 - Waterfall Garden.

Fonte: The Cultural Landscape, 2019.

Existem duas elevações com o nível superior propiciando bancadas fixas de granito e cadeiras e mesas móveis e também áreas com coberturas em vidro e aço, protegendo esses locais das chuvas. No nível inferior, existem cadeiras e mesas mais próximas ao microclima do local, é uma área de convívio totalmente a céu aberto (FIGURA 6) (THE CULTURAL LANDSCAPE FOUNDATION, 2012).

Figura 6 - Waterfall Garden.

Fonte: Pinterest, 2016.

➢ John F. Collins Park

Com o projeto elaborado por John Francis Collins, o pequeno parque foi inserido em junho de 1979 como um dos primeiros pocket parks da Philadelphia. Na planta baixa, pode-se notar a área estreita do projeto, que se localiza entre dois edifícios no centro da cidade (FIGURA 7) (THE CULTURAL LANDSCAPE FOUNDATION, 2012).

Figura 7 - Planta baixa do John F. Collins Park.

Fonte: Pinterest, 2019.

O parque possui diferentemente dos outros citados, dois acessos, que são feitos por portões de ferro ornamentais que foram elaborados pelo artista Christopher T. Ray (FIGURA 8). As paredes laterais são cobertas por hera, possuem apenas árvores nativas, além de todo o parque ser constituído de materiais vegetais locais e decorados com mobiliário de madeira móvel e fixo (THE CULTURAL LANDSCAPE FOUNDATION, 2012).

Figura 8 - Portão de acesso ao park.

Fonte: Pinterest, 2019.

Na área central do parque existe uma fonte em cascata feita de plintos de concreto verticais, o concreto é usado em todo o pavimento da área de circulação do parque também (FIGURA 9 e 10). Em 2011, o parque foi reformado e reinaugurado como John F. Collins Park (THE CULTURAL LANDSCAPE FOUNDATION, 2012).

Figura 9 - John F. Collins Park

Fonte: Pinterest, 2019.

Figura 10 - Fonte do John F. Collins Park.

Fonte: Pinterest, 2019.

4.4.2. Nacionais

- Pracinha Oscar Freire

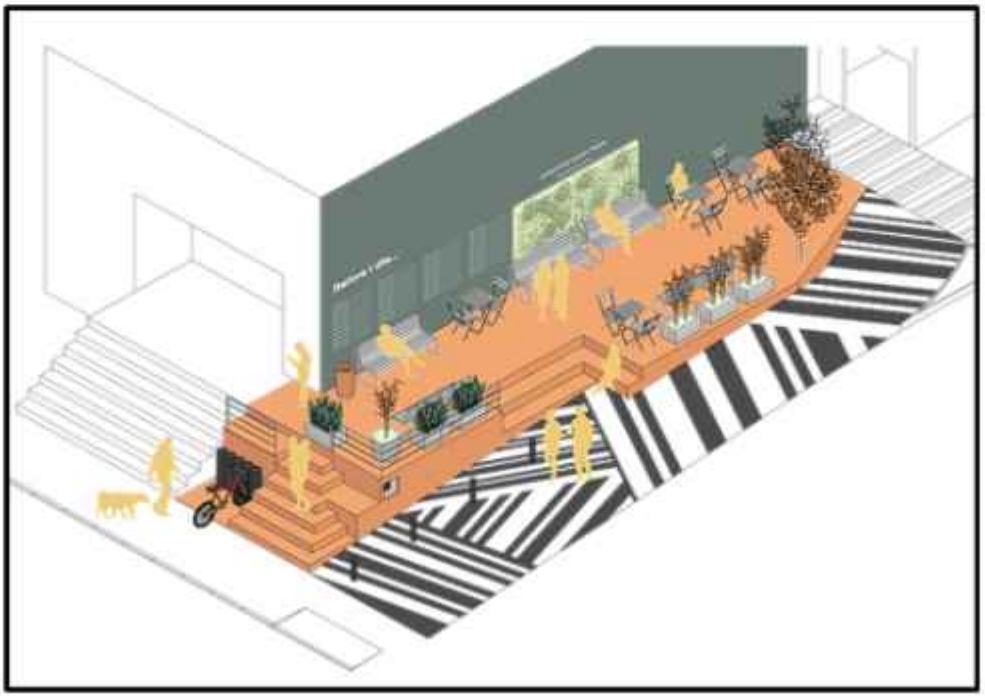
Em 21 de março de 2014, inaugurou-se "A Pracinha Oscar Freire" em São Paulo. Foi implantado na área de uma rampa de estacionamento em meio à área central da cidade, assim como todos os pocket parks é um lugar de entrada gratuita (FIGURA 11). Criado pela empresa REUD com o Instituto Mobilidade Verde, tem como objetivo um local de uso público, no qual os utilitários possam pausar e descansar, assistir a uma exposição de arte e habituar-se a cultura (INSTITUTO MOBILIDADE VERDE, 2014).

Figura 11 - Pracinha Oscar Freire.

Fonte: Pinterest, 2019.

Com 300 m², foi projetado em dois níveis (FIGURA 12), sendo acessível para pessoas com deficiência e levando a ideia de escadas como bancos, tornando possível o total aproveitamento para descanso na área (INSTITUTO MOBILIDADE VERDE, 2014).

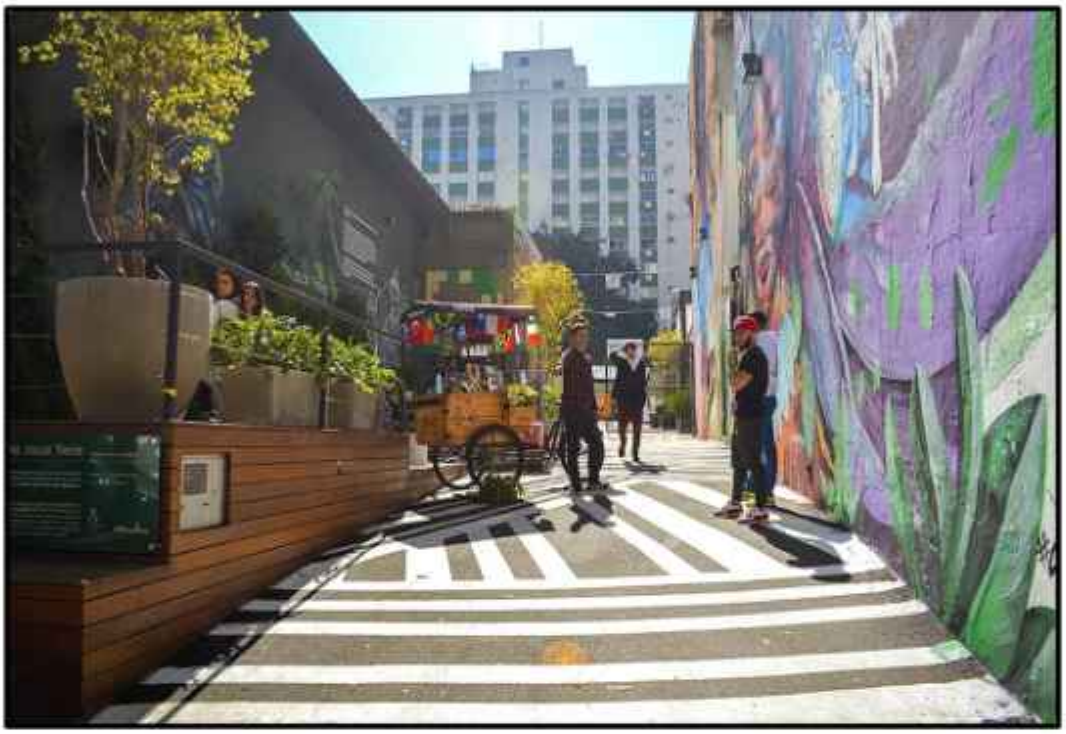
Figura 12 - Perspectiva da pracinha Oscar Freire.



Fonte: Zoom, 2019.

A utilização de pallets faz o ambiente se tornar mais ecológico, as texturas das pinturas são para alertar os motoristas que é um local para uso de pedestres (FIGURA 13) (INSTITUTO MOBILIDADE VERDE, 2014).

Figura 13 - Pocket park "Oscar Freire".



Fonte: Zoom, 2019.

- Praça da Rua Amauri:

A praça da Rua Amauri em São Paulo veio seguindo o estilo dos primeiros Pocket Park do mundo adotando basicamente no mesmo conceito só que sem as cachoeiras artificiais, foi projetado em 2002 e inaugurado em 2003 (FIGURA 14). Segundo Pereira "O primeiro Pocket Park implantado no Brasil foi a Praça da Amauri, projetada em 2002 pelo arquiteto Isay Weinfeld e nasceu da proposta do arquiteto ao empresário que tinha como ideia inicial a criação de um novo restaurante no terreno em questão" (PEREIRA, 2017).

Figura 14 - Praça da rua Amauri.

Fonte: Boechat, 2016.

Possui vegetação, cadeiras soltas, bancos de cimento fixos nas laterais, com guarda-sóis e com árvores que melhoram a sensação térmica criando um ambiente mais confortável para os seus frequentadores (FIGURA 15) (PEREIRA, 2017).

Figura 15 - Praça da rua Amauri.

Fonte: Cru e cozido, 2010.

Conforme Boechat (2016) "A praça oferece bancos e cadeiras móveis com xadrez e um pequeno café onde visitantes podem pegar as peças. A praça com uma ótima sombra de ipês amarelos e fios de água que escorrem pelo granito das paredes". Esta praça foi construída no mesmo nível da calçada como uma extensão da calçada, assim sendo bem convidativa para aqueles que

por ali estão passando sendo então de total acessibilidade para todos (FIGURA 16).

Figura 16 - Mobiliário da praça.

Fonte: Boechat, 2016.

- Pocket Park Moema:

O Pocket Park Moema foi planejado para dar à cidade de São Paulo um espaço de lazer e convívio público onde as pessoas possam desfrutar de Wi-Fi gratuito, food trucks, espaço para passear com a família e seus pets, além de ouvir uma boa música. O que antes ficava localizado um estacionamento fechado, agora é uma praça que oferece aos visitantes diversas opções de lazer para a população de Moema, na Zona Sul de São Paulo (FIGURA 17) (ENCONTRA MOEMA, 2019).

Figura 17 – Fachada Pocket Park Moema.

Fonte: Moema tips, 2016.

Inaugurado em 2015, a pracinha dispõe de um serviço de bicicletário e valet para o conforto dos visitantes. Localizado a céu aberto, é considerado

um dos Pockets Parks mais charmoso de São Paulo por possuir como seu diferencial a gastronomia, a música e arte encontrados no local (FIGURA 18) (CELIBERTO, 2017).

Figura 18 – Entrada Pocket Park Moema.

Fonte: BaresSP, 2017.

Após completar 2 anos de existência, foi feito no ambiente uma reforma onde foram inseridas mesas que possuíam guarda-sóis para a proteção contra sol e chuva (FIGURA 19), deixando o local mais aconchegante para a população (ENCONTRA MOEMA, 2019).

Figura 19 – Pocket Park Moema.

Fonte: Kekanto, 2019.

5. METODOLOGIA

5.1. PESQUISA

Para a realização do projeto será utilizado a Pesquisa Qualitativa, que segundo Raupp e Beuren (2006, p.92) "Na pesquisa qualitativa concebem-se análises mais profundas em relação ao fenômeno que está sendo estudado. A abordagem qualitativa visa destacar características não observadas por meio de um estudo quantitativo, haja vista a superficialidade deste último. [...] Na abordagem qualitativa, não se pretende numerar ou medir unidades ou categorias homogêneas".

Godoy (1995, p.21) afirma que "Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando /I captar" o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno. Partindo de questões amplas que vão se aclarando no decorrer da investigação".

Para a elaboração deste projeto optou-se pela utilização da pesquisa qualitativa, devido ao fato deste tipo de pesquisa conceber uma visão mais ampla do elemento a ser analisado. A pesquisa qualitativa observa o fenômeno sob um aspecto de qualidade, penetrando mais no assunto e destacando as suas características.

5.2. MÉTODO

A elaboração do projeto será feita através do método dedutivo que segundo Rodrigues (2007, p.16) "Se todas as premissas são verdadeiras, a conclusão deve ser verdadeira • Toda a informação ou conteúdo factual da conclusão já estava, pelo menos implicitamente, nas premissas".

"O método dedutivo, de acordo com o entendimento clássico, é o método que parte do geral e, a seguir, desde ao particular. A partir de princípios, leis ou teorias consideradas verdadeiras e indiscutíveis, prediz a ocorrência de casos particulares com base na lógica. [...] O raciocínio dedutivo tem o objetivo de explicar o conteúdo das premissas. Por intermédio de uma cadeia de raciocínio em ordem descendente, de análise do geral para o particular, chega a uma conclusão" (PRODANOV E FREITAS. 2013, p.27).

Este por sua vez é capaz de proporcionar a obtenção de conclusões objetivas tendo como propósito explicar o conteúdo, partindo do geral para o particular utilizando dados e teorias para chegar ao resultado desejado.

5.3. PROCEDIMENTO

"O estudo de caso se caracteriza como um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Visa ao exame detalhado de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma situação em particular" (GODOY. 1995, p.25).

Gil (1999, p. 73) salienta que: "estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir

conhecimentos amplos e detalhados do mesmo, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados".

Este método é utilizado na pesquisa qualitativa e auxilia na compreensão mais profunda do objeto a ser analisado, permitindo um alcance de conhecimentos mais detalhados e abrangentes, tendo como objetivo explorar, descrever e explicar o objeto estudado, procurando esclarecer uma situação mais complexa.

6.REFERÊNCIAS

ARAUJO, Ingrid. **São Paulo elabora projeto de criação de pequenos parques pela cidade.** 2014. Disponível em: <https://www.pensamentoverde.com.br/economia-verde/sao-paulo-elabora-projeto-de-criacao-de-pequenos-parques-pela-cidade/>. Acesso em: 21 mar. 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNIAS. **NBR 9050:2015 – Acessibilidade a edificações, mobiliários, espaços e equipamentos urbanos**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/arquivos/%5Bfield_generico_imagens-filefield-description%5D_24.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNIAS. **NBR 7678:1983 – Segurança na execução de obras e serviços de construção**. Rio de Janeiro, 1983. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/49006797/nbr-7678-1983-segurana-em-obras>. Acesso em: 29 mar. 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNIAS. **NBR 5626:1998 – Instalação predial de água fria**. Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <http://mz.pro.br/hidraulicapredial/08-NBR_5626_Agua_fria.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNIAS. **NBR 13532:1995 – Elaboração de projetos de edificações - Arquitetura**. Rio de Janeiro, 1995. Disponível em: <http://www2.unifap.br/arquitetura/files/2013/01/NBR-13532-Projeto-de-Arquitetura-.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNIAS. **NBR 6492:1994 – Representação de projetos de arquitetura**. Rio de Janeiro, 1994. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/albertojunior/disciplinas/nbr-6492-representacao-de-projetos-de-arquitetura>. Acesso em: 29 mar. 2019.

ÁREAS VERDES DAS CIDADES. **Parque Paley em Nova York – EUA**. 2015. Disponível em: <http://www.areasverdesdascidades.com.br/2015/09/parque-paley-em-novayork-estados-unidos.html>. Acesso em: 10 mar. 2019.

BARCELOS, Daniel Camara. **Uma viagem pela história dos jardins**. 2019. Disponível em: <http://www.jardimdeflores.com.br/paisagismo/a05daniel.htm>. Acesso em: 10 mar. 2019.

BOECHAT, João Pedro. **Grennacre park.** 2015. Disponível em: < https://uffpaisagismo.wordpress.com/2015/12/14/greenacre-park/> Acesso em: 10 mar. 2019.

_____. **Pocket park da rua amauri.** 2016. Disponível em: <https://uffpaisagismo.wordpress.com/2016/03/07/pocket-park-da-rua-amauri/>. Acesso em: 19 mar. 2019.

BRASIL. 1965. Lei Federal n. 4.771, de 15 de setembro de 1965. **Código Florestal Brasileiro**. Diário Oficial da União (DOU). Brasília (DF). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L4771.htm>. Acesso em: 19 mar. 2019.

BRASIL. 1979. Lei Federal n. 6.766, de 19 de dezembro de 1979. **Dispõe sobre parcelamento do solo urbano**. Diário Oficial da União (DOU). Brasília (DF). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6766.htm>. Acesso em: 19 mar. 2019.

BRASIL. 1998. Lei Federal n. 9605, de 12 de fevereiro de 1998. **Lei de Crimes Ambientais (Lei da Vida).** Diário Oficial da União (DOU). Brasília (DF). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9605.htm>. Acesso em: 19 mar. 2019.

BRASIL. 2000. Lei Federal nº 9.985 de 18 de julho de 2000. **Institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC)**. Diário Oficial da União (DOU). Brasília (DF). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/leis>. Acesso em: 19 mar. 2019.

BRASIL. 2007. Lei Federal nº 11.445 de 5 de janeiro de 2007. **Estabelece as diretrizes nacionais para o saneamento básico**. Diário Oficial da União (DOU). Brasília (DF). Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Lei/L11445.htm>. Acesso em: 19 mar. 2019.

CELIBERTO, Luísa. **6 parques gastronômicos em São Paulo para se deliciar com os melhores food trucks.** 2017. Disponível em: <https://www.obaoba.com.br/na-cidade/noticia/parques-gastronomicos-em-sao-paulo-para-se-deliciar-com-os-melhores-food-trucks>. Acesso em: 29 mar. 2019.

ENCONTRA MOEMA. **Pocket Park Moema.** Disponível em: <https://www.encontramoema.com.br/sobre/pocket-park-moema/>. Acesso em: 29 mar. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais.** Revista de Administração de Empresas. São Paulo. 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2019.

HANNES, Evy. **Espaços abertos e espaços livres: um estudo de tipologias**. 2015. Disponível em <http://www.journals.usp.br/paam/article/view/100413/115688> Acesso em: 10 mar. 2019.

INSTITUTO MOBILIDADE VERDE. **Instituto Mobilidade Verde e Reud inauguram 1º Pocket Park na Rua Oscar Freire em São Paulo.** 2014. Disponível em: <https://institutomobilidadeverde.wordpress.com/2014/05/21/instituto mobilidadeverde-e-reud-inauguram-1o-pocket-park-na-rua-oscar-freire-em sao-paulo/>. Acesso em: 10 mar. 2019.

JI-PARANÁ. Lei n° 18 de 05 de dezembro de 1983. Consolidada pela Lei 1227 de 06 de maio de 2003. Institui o Código de Obras do Município.

_____ . Lei n° 2187 de agosto de 2011. Dispõe sobre o desenvolvimento urbano no Município de Ji-Paraná, revisa e atualiza o Plano Diretor do Município e dá outras providências.

_____. LEI N.º 1113, DE 19 DE NOVEMBRO DE 2001. Dispõe sobre a Política Ambiental, o Sistema Municipal de Meio Ambiente e o Controle Ambiental no Município de Ji-Paraná e dá outras providências.

_____. LEI Nº 17 de 05 de dezembro de 1983. Consolidada pela Lei 1226 de 06 de maio de 2003. Institui o Código de Posturas do Município de Ji-Paraná.

LOURENÇO, Thais. **Pocket Parks – Alterando Paisagens Urbanas.** 2012. Disponível em: <http://portalarquitetonico.com.br/pocket-parks/>. Acesso em: 10 mar. 2019.

LUCENA, Pierre. **Pocket Parks: por que não em Recife?** 2012. Disponível em: <http://acertodecontas.blog.br/atualidades/pocket-parks-por-que-nao-em-recife/>. Acesso em: 21 mar. 2019.

MALUF, Carmem Silvia. GONÇALVES, Tairine Érica Caixeta. **Pocket park: matriz de critérios para implantação**. 2015. Disponível em: <http://projedata.grupoprojetar.ufrn.br/dspace/bitstream/123456789/2054/1/C274.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2019.

MALUF, Renata Felizola. **Pocket Parks: Pontos de Respiro para a Metrópole.** 2014. Disponível em: <https://issuu.com/renatamaluf/docs/pocket_parks_-_pontos_de_respiro_pa>. Acesso em: 10 mar. 2019.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do Lazer: uma Introdução**. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados. 2000, 100p.

MUSSI, Andréa Quadrado; LIMA, Gabriela Fritzen de; BIESSEK, Daniele. **Pocket parks e animação urbana: uma alternativa para conferir função a terrenos subutilizados e urbanidade sustentável aos bairros.** 2016. Disponível em: <https://www.imed.edu.br/Uploads/5_SICS_paper_102.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2019.

NETTO, Antônio. **História dos Jardins**. Slide Share. 2016. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/ANTONIONETTO5/historia-dos-jardins>. Acesso em: 10 mar. 2019.

CONRADO PAISAGISMO. **Evolução do Jardim – da Pré-História ao Renascimento.** 2014. Disponível em: <http://conradopaisagismo.com.br/index.php/evolucao-do-jardim-da-pre-historia-ao-renascimento/>. Acesso em: 10 mar. 2019.

PAGNONCELLI, Hermínio Antonio. **Pocket Park em Curitiba.** 2012. Disponível em: <https://issuu.com/herminio.ap/docs/pocket_park_em_curitiba_-_herminio_pagnoncelli>. Acesso em: 19 mar. 2019.

PEREIRA, Matheus. **'Pocket Parks': uma alternativa para quantidade de espaços abertos de uso público**. São Paulo. 2017. Disponível em: <https://saopaulosao.com.br/nossos-caminhos/3165-pocket-parks-uma-alternativa-paraaumentar-a-quantidade-de-espacos-abertos-de-uso-publico.html#>. Acessado em: 29 mar. 2019.

PERLOFF, H.S. **La Calidad del Medio Ambiente Urbano**. Versão para castelhano por F.Miguella Rubió.1 ed. Barcelona: Oikos-tau,1973. p.9-41.

PIVETTA, K.F.L. SILVA FILHO, D.F. 2002. **Arborização Urbana - Boletim Acadêmico (Série Arborização Urbana)**. UNESP/FCAV/FUNEP. Jaboticabal (SP). 74p. Disponível em: <http://www.uesb.br/flower/alunos/pdfs/arborizacao_urbana%20Khatia.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2019.

PRADO, Flávia de O. M. SANT'ANNA, Camila G. **Espaços públicos: um respiro verdejante em meio à malha urbana**. 2015. Disponível em: <http://www.pucrs.br/eventos/espacospublicos/downloads/064_C.pdf> Acesso em: 10 mar. 2019.

PROCESS ARCHITECTURE. **Pocket Parks, Tóquio-Japão: Process Architecture Publishing, n. 78.** 1988.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: Método e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico.** 2ª ed. Universidade FEEVALE. Novo Hamburgo - Rio Grande do Sul, 2013.

RAUPP, Fabiano Maury e BEUREN, Ilse Maria. **Metodologia da Pesquisa Aplicável às Ciências Sociais.** Como Elaborar Trabalhos Monográficos em

Contabilidade. São Paulo. 2006. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/33863767/metodologia_de_pesquisa_aplicavel_as_ciencias_sociais.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1521950573&Signature=gAakNJx5vFUHbSuN2wsGZQOaUZY%3D&responsecontentdisposition=inline%3B%20filename%3DMetodologia_de_pesquisa_aplicavel_as_cie.pdf.>
Acesso em: 26 mar. 2019.

RICHTER, G. **Handbuch Stadtgrun**. Munique/Viena/Zurique.BLV. 1981. 319 p.

RODRIGUES, Willian Costa. **Metodologia Cientifica.** FAETEC/IST. Paracambi, 2007. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/33851445/metodologia_cientifica.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1521952823&Signature=vkX3hq4a2hgrsxyPQJ7weFct4cY%3D&response-contentdisposition=inline%3B%20filename%3DMetodologia_Cientifica_Conceitos_e_Defin.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2019.

RONDÔNIA. SEDAM/RO, **Sistema Estadual de Desenvolvimento Ambiental de Rondônia**, Lei n. 547 de dezembro de 1993.

RONDÔNIA. CBM/RO, **Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Rondônia**, Lei n. 3924 de 17 de outubro de 2016. Disponível em: < https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=329895>. Acesso em: 30 mar. 2019.

JÚNIOR, Giovanni Salera. **ÁREAS VERDES DE GURUPI - TOCANTINS.** 2010. Disponível em: <http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/2501953.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2019.

SATO, Marissol Yuka. **Espaços corporativos e apropriação: novas áreas livres na metrópole paulistana.** Paisagem e Ambiente, São Paulo, n. 24, p. 259-266, dec. 2007. ISSN 2359-5361. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/86290/88956>. Acesso em: 21 mar. 2019.

THE CULTURAL LANDSCAPE FOUNDATION. **Greenacre Park**. 2012. Disponível em: <https://tclf.org/landscapes/greenacre-park?destination=search-results>. Acesso em: 05 maio 2019.

THE CULTURAL LANDSCAPE FOUNDATION. **John F. Collins Park.** 2012. Disponível em: <http://tclf.org/landscapes/john-f-collins-park>. Acesso em: 21 mar. 2019.

THE CULTURAL LANDSCAPE FOUNDATION. **Paley Park**, 2012. Disponível em: <http://tclf.org/landscapes/paley-park?destination=search-results>. Acesso em: 21 mar. 2019.

THE CULTURAL LANDSCAPE FOUNDATION. **Waterfall Garden.** 2012. Disponível em: <http://tclf.org/landscapes/waterfall-garden?destination=search-results>. Acesso em: 21 mar. 2019.

WEINFELD, Isay. **Praça Amauri.** 2002. Disponível em: <http://isayweinfeld.com/projects/praca-da-amauri/>. Acesso em: 19 mar. 2019.

WEISHOF, Noah. **Pocket park: um olhar sobre o vazio esquecido**. 2015. Disponível em: <http://www.pucrs.br/eventos/espacospublicos/downloads/120_B.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2019.